

NILO MACHADO PEREIRA NETO

**URBANIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DO SETOR DE SERVIÇOS  
NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA – MG.**

Viçosa (MG)

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**URBANIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DO SETOR DE SERVIÇOS  
NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA – MG.**

Monografia apresentada à disciplina GEO 481 -  
Monografia e Seminário - como exigência  
parcial para obtenção do grau de bacharel em  
Geografia, pela Universidade Federal de Viçosa.

Nilo Machado Pereira Neto

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lídia Lucia Antongiovanni

Viçosa (MG)  
2010

**URBANIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DO SETOR DE SERVIÇOS  
NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA – MG.**

Banca examinadora:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Lídia Lucia Antongiovanni  
Orientadora  
Departamento de Geografia/UFV

---

Professor Dr. Ulysses da Cunha Baggio  
Departamento de Geografia/UFV

---

M.Sc Fernanda de Oliveira Costa  
Departamento de Geologia/UFOP

Viçosa (MG)  
2010

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho à Geografia primeiramente, ciência a qual me dedico e desejo representar com dignidade; Aos meus pais, Newton Machado Pereira e Maria de Fátima Brandão Pereira, a quem devo tudo o que sou; A ilustríssima professora Lídia Lucia Antongiovanni, por sua atenção, apoio e compreensão no decorrer das atividades; E finalmente, aos amigos, professores e demais pessoas que de algum modo colaboraram para a construção deste trabalho. Obrigado a Todos!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por seu amparo misericordioso e por sua presença fortalecedora que motivaram a conclusão deste trabalho; Ao povo brasileiro que por seu trabalho, me permitiu estudar nesta instituição pública de ensino; A minha família que sempre me apoiou e confortou nos momentos em que mais precisei. Obrigado amados, tudo isto é por vocês; A ilustríssima professora Lídia Lucia Antongiovanni pela orientação e sua colaboração imprescindível; A Universidade Federal de Viçosa, especialmente ao Curso de Geografia; Por fim, aos amigos e companheiros que deram alguma contribuição direta ou indireta na elaboração desta pesquisa, assim como, aos que acreditaram em sua realização.

“A geografia e a composição da economia mundial transformaram-se de modo tal que produziu uma complexa dualidade: uma organização da atividade econômica espacialmente dispersa mas ainda mundialmente integrada.”

Saskia Sassen

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	VIII
LISTA DE TABELAS E QUADROS .....	IX
LISTA DE SIGLAS .....	X
RESUMO .....	XI
INTRODUÇÃO .....	12
METODOLOGIA .....	16
CAPÍTULO I – URBANIZAÇÃO: A NOVA FACE DO MUNDO .....	
1.1 – O Processo de Urbanização: perspectiva geral no Mundo (1940 – 2000)...	18
1.2 – O Processo de Urbanização: perspectiva geral no Brasil (1940 – 2000).....	23
1.3 – A Urbanização de Viçosa – MG: do café à Universidade .....	31
CAPÍTULO II – O TERCIÁRIO: A ASCENÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS....	
2 – O Setor de Serviços no Brasil e no Mundo .....	40
CAPÍTULO III – O SETOR DE SERVIÇOS EM VIÇOSA – MG .....	
3.1 – Caracterização do Setor Terciário de Viçosa – MG .....	49
3.2 – O Problema da distribuição territorial desigual .....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	64

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Bairros de Viçosa – MG, até 2005.....	17
Figura 2	Crescimento urbano nas Grandes Regiões mundiais – 1950-2030.....	20
Figura 3	Aglomerados Urbanos em 1975 .....	21
Figura 4	Aglomerados Urbanos em 2009 .....	21
Figura 5	Aglomerados Urbanos em 2025 .....	22
Figura 6	População residente, por situação do domicílio – Brasil – 1940/2000 ...	24
Figura 7	Grau de urbanização nas Grandes Regiões do Brasil – 1991/2000.....	26
Figura 8	Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1940 .....	27
Figura 9	Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1970 .....	28
Figura 10	Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1996 .....	28
Figura 11	Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1940 .....	29
Figura 12	Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1970 .....	29
Figura 13	Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1996 .....	30
Figura 14	Difusão do fenômeno cidades milionárias – 1970 .....	30
Figura 15	Difusão do fenômeno cidades milionárias – 1996 .....	31
Figura 16	Mapa antigo do Município de Viçosa .....	33
Figura 17	Localização do município de Viçosa no estado de Minas Gerais. ....	34
Figura 18	Messoregiões de Minas Gerais .....	35
Figura 19	Microrregiões de Minas Gerais .....	35
Figura 20	Mancha Urbana do município de Viçosa e Campus da UFV .....	36
Figura 21	Recuo das Taxas de lucro e acumulação, 1950-1982 .....	41
Figura 22	Participação dos Serviços no PIB, 1999 .....	43
Figura 23	Estrutura setorial das economias do mundo, 1999 .....	44
Figura 24	Mapa da Distribuição de Renda e Pontos de Saque, em Viçosa – MG..	55
Figura 25	Proporção das Escolas Estaduais e Municipais na área amostrada .....	56
Figura 26	Proporção dos Estabelecimentos de Saúde na área amostrada .....	56
Figura 27	Proporção de Agências Bancárias e Ptos de Saque na área amostrada ...	57
Figura 28	Proporção dos Estabelecimentos de Lazer e Cultura .....	57
Figura 29	Serviços e Comércio na Av. P.H Rolfs .....	58
Figura 30	Serviços e Comércio na Praça Central de Nova Viçosa .....	58
Figura 31	Serviço de Hotel no bairro Nova Era .....	59
Figura 32	Serviço de Hotel na Av. P.H. Rolfs .....	59
Figura 33	Colégio Universitário .....	60
Figura 34	Escola Padre Álvaro Côrrea Borges .....	60



## LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Taxas e Projeções demográficas para o Mundo, 2008-2005.....	20
Tabela 2 – Aspectos demográficos do Brasil e suas Grandes Regiões .....	26
Tabela 3 – Verticalização na área central de Viçosa – 1970/2007.....	38
Tabela 4 – Evolução da população urbana do município de Viçosa – MG, 1950-2009...	39
Quadro 1 - Tipos de atividades de serviços em razão da demanda, subgrupos e prestadores .....	46
Tabela 5 - População ocupada por ramo de atividade econômica da ocupação principal – 1999 .....	48
Tabela 6 - Produto Interno Bruto (R\$ mil) de Viçosa – MG .....	49
Tabela 7 - População ocupada por Setores Econômicos, 2000 .....	50
Tabela 8 - População urbana por gênero na área amostrada. Viçosa – MG, 2009 .....	51
Tabela 9 - Empresas urbanas atuantes em Viçosa – MG, 2003 .....	52
Tabela 10 - Formalidade x Informalidade das empresas urbanas, em Viçosa – MG, 2003 .....	52
Tabela 11 - Empresas prestadoras de serviços em Viçosa – MG, 2003 .....	52

## **LISTA DE SIGLAS**

ALEMG – Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGA – Instituto de Geociências Aplicadas de Belo Horizonte, Minas Gerais

IPLAM – Instituto de Planejamento Municipal

ONU – Organização das Nações Unidas

PAS – Pesquisa Anual de Serviços

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

RAIS – Relatório Anual de Informações Sociais

RDH – Relatório de Desenvolvimento Humano

UFV – Universidade Federal de Viçosa

## RESUMO

Este trabalho foi elaborado no município de Viçosa, Zona da Mata de Minas Gerais, com o objetivo de procurar entender o processo de urbanização ocorrido, principalmente a partir da década de 1940 até os dias atuais, e também a territorialização do setor de serviços quanto a sua distribuição em alguns pontos da cidade. Foram escolhidos para constituírem o universo amostral desta pesquisa, os bairros de Lourdes, Nova Era, Nova Viçosa, assim como o setor da Av. P.H. Rolfs (incluindo o campus da UFV) no Centro da cidade, sendo estes comparados e analisados no que tange a distribuição dos serviços públicos e privados apresentados. Desta maneira, procurou-se observar, compreender e também criticar, sob a ótica teórico-metodológica da Geografia Urbana, certos problemas evidenciados nesta cidade, originados adjuntos com a urbanização acelerada e desordenada. Para isto, foram utilizados métodos de coleta de dados diversificados dispostos na ciência geográfica, que permitiram chegar às conclusões propostas. Assim, pôde-se observar uma disparidade significativa entre as áreas amostradas, no que diz respeito à oferta de serviços e a presença de equipamentos públicos adequados, comprovando assim o indesejável quadro de segregação sócio-espacial. A economia do município é basicamente dependente do comércio e do setor de serviços, o que acentua o fator da informalidade. O setor industrial é praticamente incipiente e a agropecuária enfrenta sérias dificuldades de desenvolvimento. A cidade que possui em sua área um fixo de importância nacional, a Universidade Federal de Viçosa, é conhecida como “Cidade Educadora”, e atrai fluxos de diversas partes do país. O município conta com população 92,4% urbana, onde deste número uma considerável parcela é considerada flutuante. São estudantes, técnicos, funcionários e professores, que constituem uma população altamente escolarizada e demandante de serviços de diversos tipos. Contudo a desigualdade existente entre a “cidade ideal” (UFV) para a “cidade real” (Viçosa) é profunda e cada vez mais problemática. Neste contexto, ter acesso a qualquer tipo de serviço em Viçosa significa antes de tudo, estar próximo a universidade. Essa conjuntura contribuiu significativamente para o agravamento de questões urbanas como a crescente verticalização na área central, a especulação imobiliária alarmante, desordem no trânsito, entre outras. Tendo em vista esses apontamentos, este trabalho buscou mostrar a urgência de medidas que estabeleçam melhorias urbanas, capazes de minimizar os impactos negativos da segregação sócio-espacial, que parece tornar-se cada vez mais contundente a cada ano na cidade de Viçosa.

## INTRODUÇÃO

A urbanização é um dos mais importantes processos que continuamente transformam o espaço geográfico, e por esta razão, reconhecer seus aspectos, suas causas e principalmente suas consequências é fundamental para a ciência geográfica. Através da urbanização a cidade chegou ao campo, mas o campo também chegou à cidade, tornando as relações nestes dois meios consideravelmente complexas, constituindo desta maneira, mais um grande desafio para a geografia contemporânea. Os autores Milton Santos e Maria Laura Silveira (2004), expõem que “Com a instalação de um número cada vez maior de pessoas em um número cada vez menor de lugares, a urbanização significa ao mesmo tempo uma maior divisão do trabalho e uma imobilização relativa e é, também, um resultado da fluidez aumentada do território.” (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 21)

Na geografia existem diversas abordagens a respeito da categoria território, contudo, para as análises realizadas neste estudo, se utilizará a proposição de Milton Santos, ou seja, “[...] o território usado, sinônimo de espaço geográfico.” (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 20). Assim, para Santos (1994) “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social.” (SANTOS, 1994, p. 15). Desta forma,

O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estruturas, para as quais estamos igualmente utilizando a denominação *sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e sociedade. São os **movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços**, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico. (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 21). Grifo nosso.

Nesta perspectiva, torna-se admissível pensar que o processo de urbanização, apesar de tantos outros significados, é antes de tudo um movimento populacional. Assim também, é interessante notar como este processo parece ter natureza espontânea, principalmente em razão da enorme capacidade de se reproduzir com extrema rapidez em todas as partes do mundo. Porém, trata-se de um artifício planejadamente induzido pelo sistema capitalista, como menciona Santos (2003), “A urbanização e a primazia se apresentam como necessidades do sistema.” (SANTOS, 2003, p. 22).

Sendo assim, a urbanização pode ser vista também enquanto estratégia que contribuiu significativamente para o avanço do capitalismo, uma vez que esta promoveu transformações profundas na sociedade, principalmente, no que diz respeito à divisão do trabalho e do estabelecimento de um novo padrão de consumo. Foi desta forma, que a cidade através da atuação dos mercados no território, passou a contar com uma oferta muito mais expressiva de bens e serviços, consolidando assim sua predominância em relação ao meio rural.

Assim como ocorreu no mundo, o avanço da urbanização se deu no Brasil, sobretudo, em razão da industrialização. Estes dois processos nomeados por modernização atuaram simultaneamente no país de maneira mais evidente, a partir da década de 1940, produzindo efeitos que perduram até os dias atuais, como por exemplo, a acentuação das disparidades regionais. Tanto a industrialização quanto a urbanização ocorrida no país, se deram de forma desigual e muito acelerada, favorecendo com isso certas regiões e condenando outras a sombra do ostracismo. Sobre isto, Santos (2003) esclarece que,

Com o desenvolvimento das forças produtivas, a desigualdade regional cessa de ser o resultado das aptidões naturais e está se tornando ao mesmo tempo mais profunda e mais especulativa: existe uma maior necessidade de capitais crescentemente volumosos; os recursos sociais também tendem a se concentrar em certos locais onde a produtividade do capital é cada vez mais alta. (SANTOS, 2003, p. 22)

No Brasil, o lugar mais propício a esta reprodução do capital, cada vez mais agressiva e veloz foram indubitavelmente às metrópoles. Desta forma, a urbanização brasileira possui como característica marcante o fenômeno da metropolização, ocorrido principalmente até a década de 1970, com a vultosa saída da população do campo e das regiões menos industrializadas para as metrópoles. Contudo, a partir da década seguinte, observou-se um movimento de desmetropolização, uma vez que estas cidades tornaram-se consideravelmente problemáticas em razão dos seus grandes contingentes populacionais e das baixas condições de vida que passaram a apresentar. Sobre isto, Santos e Silveira (2004) apontam que,

Quanto às metrópoles, por sua própria composição orgânica do capital e do espaço, continuam a acolher populações pobres e despreparadas. [...] Em resumo, a metropolização se dará também como “involução”, enquanto a qualidade de vida poderá melhorar nas cidades médias. (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 209)

Desta forma, o Brasil passou a conhecer também um movimento de interiorização da urbanização com a proliferação das cidades pequenas (cidades com até 20 mil habitantes) e médias (cidades de 100 a 500 mil habitantes) em todas as regiões do país. Esta nova dinâmica de ocupação territorial foi crucial para melhorar a integração da rede urbana nacional, favorecendo desta forma a circulação de fluxos (população, capital, informação etc.), bem como a dispersão de fixos (indústria, órgãos públicos etc.) pelo território. Assim, segundo Santos e Silveira (2004), neste período,

Os intercâmbios aumentam e, em decorrência, também aumenta o terciário, pois há maior necessidade de organização, de serviços públicos e privados, de transportes e de bancos. Gesta-se, a um só tempo, uma grande especialização territorial, com tendência à concentração da produção de bens e serviços mais “nobres” e escassos em alguns pontos do Sudeste e do Sul. Como o aparato produtivo se torna dependente de recursos exógenos, e como os recursos nacionais – incluída a população – são menos utilizados, o terciário e a urbanização tendem a aumentar. (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 51)

Como visto, no bojo das mudanças sociais, culturais, tecnológicas e econômicas advindas concomitantemente com o processo de urbanização, encontra-se também a expansão do setor terciário. Neste sentido, de acordo com Anita Kon (2003),

Considerando-se o papel do setor Terciário no decorrer do desenvolvimento econômico de uma sociedade, nas fases iniciais do processo, fica clara a idéia da associação da urbanização acelerada ao crescimento das atividades de serviços, que denota o início das mudanças na estrutura produtiva, características da transição de um sistema econômico de baixa produtividade per capita, para outro de produtividade mais elevada. (KON, 2003, p. 14)

Tal mudança no sistema produtivo se deve, sobretudo, em razão da crise no chamado modelo “fordista” de produção, que ocasionou desemprego e depreciação nas taxas de lucro do setor manufatureiro, conforme ressalta Marcos Costa Lima (2003), expondo que

Nos anos 70 e 80, com o fim da “era Keynesiana”, a economia mundial se viu diante de diversos impasses e de desestruturação, também conhecida como crise do “fordismo”. Muitos pólos industriais entram em estagnação, regiões entram em decadência, com um aumento substantivo do desemprego industrial. (LIMA, 2003, p. 3)

Esta situação de crise no emprego foi providencial para o crescimento do setor de serviços, principalmente nos países de economia modernizada em menor grau. Não obstante, Dimária Silva e Meirelles (2008), lembra que, “Em contextos de relativo atraso econômico, ou de retração econômica, o setor funciona como um ‘absorvedor’ de mão-de-obra dos demais setores da economia.” (MEIRELLES, 2008, p. 23). Assim, o terciário obteve uma considerável expansão na economia mundial, passando a figurar como principal setor no produto interno de grande parte dos países, independente da condição de desenvolvimento.

Contudo, apesar de tornar-se cada vez mais expressivo para a economia, sobretudo, no que diz respeito à reprodução acelerada do capital, o setor terciário continua apresentando menor quota quanto à teorização e análise científica, se comparado ao setor industrial e agropecuário. Em certa medida esta situação parece estar associada ao fato de existir dificuldades na conceituação e também na delimitação das atividades de serviço. O setor caracteriza-se por apresentar uma grande diversidade, indo das atividades mais simples, como por exemplo, os serviços domésticos e de consertos, até os serviços altamente especializados e avançados tecnologicamente, como no caso do setor financeiro e de telecomunicações. Assim, de acordo com Kon (2003),

O setor Terciário é composto por um grande número de atividades que apresentam uma heterogeneidade significativa quanto à natureza, funções, aporte de capital, relação capital/trabalho, nível de qualificação exigido para sua produção e outras variáveis, e dessa maneira não é possível inferir-se determinantes e comportamentos generalizados sobre sua relevância no contexto do desenvolvimento econômico [...] (KON, 2003, p. 22).

Do mesmo modo como acontece nos outros setores da economia, os bons resultados no setor de serviços dependem de diversos fatores sociais, políticos e econômicos, além é claro, dos recursos e do aporte técnico-científico destinados ao seu desenvolvimento. Isto faz com que o desempenho do setor seja consideravelmente díspar de uma economia para outra, conforme ressalta Meirelles (2008),

Em geral, os serviços tradicionais, que empregam mão-de-obra menos qualificada e mal remunerada, ainda são responsáveis por grande parte da evolução do setor nos países subdesenvolvidos. Em contrapartida, nos países desenvolvidos, os serviços modernos, com um maior conteúdo tecnológico e uma mão-de-obra mais qualificada, tendem a ser preponderantes na composição do setor. (MEIRELLES, 2008, p. 22-23)

Assim como existem disparidades na própria composição interna do setor terciário entre países de economias desenvolvidas e em desenvolvimento, há também diferenças no que se refere a sua distribuição territorial, sendo este o eixo temático deste trabalho. Neste sentido, procurar-se-á analisar as causas e também consequências da distribuição territorial do setor de serviços na cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. Assim também, buscará se avaliar aspectos referentes à constituição e desenvolvimento do setor terciário no Brasil e no mundo, bem como o processo de urbanização ocorrido no país e na cidade de Viçosa enfocando o período compreendido entre 1940 e o ano 2000.

A cidade possui em sua área um fixo de importância nacional, a Universidade Federal de Viçosa, e conta com uma população urbana estimada em 92,4%, sendo que desta uma parcela significativa é altamente escolarizada e demandante de diversos tipos de serviço. São múltiplas as deficiências na infra-estrutura urbana, como também são muitos os problemas ambientais e político-administrativos. A especulação imobiliária na cidade é intensa, e o quadro de segregação sócio-espacial tem se tornado cada vez mais alarmante, além de outras questões que serão abordadas no decorrer das discussões. A economia é profundamente dependente do setor de serviços, já que conta com indústria pouco expressiva e agropecuária decadente. Esta conjuntura acentua os problemas sociais como o desemprego, a informalidade e má distribuição de renda provocando desigualdades lamentáveis expressas, sobretudo, no meio urbano do município.

Quanto a isto, Santos e Silveira (2004) apontam que “O território é revelador de diferenças, às vezes agudas, de condições de vida da população.” (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 24). Sendo assim, o presente trabalho tem como escopo conhecer e debater o tema: urbanização e distribuição territorial do setor de serviços em Viçosa, providenciando as conclusões pertinentes a este estudo, visando contribuir desta maneira para os esforços teóricos no campo da Geografia Urbana, e também para a população viçosense.

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica é um dos fatores mais importantes a serem considerados no processo de elaboração de uma pesquisa, por essa razão sua escolha no âmbito da Geografia influencia diretamente nos resultados e conclusões a serem estabelecidos pelo trabalho. Segundo Eliseu Savério Sposito (2000), a ciência geográfica possui uma gama de tendências metodológicas importantes, dentre as quais se destacam a tendência empírico-analítica (positivista), fenomenológico-hermenêutica (fenomenológica) e crítico-dialética (dialética). Neste sentido, Sposito (2000) admite que

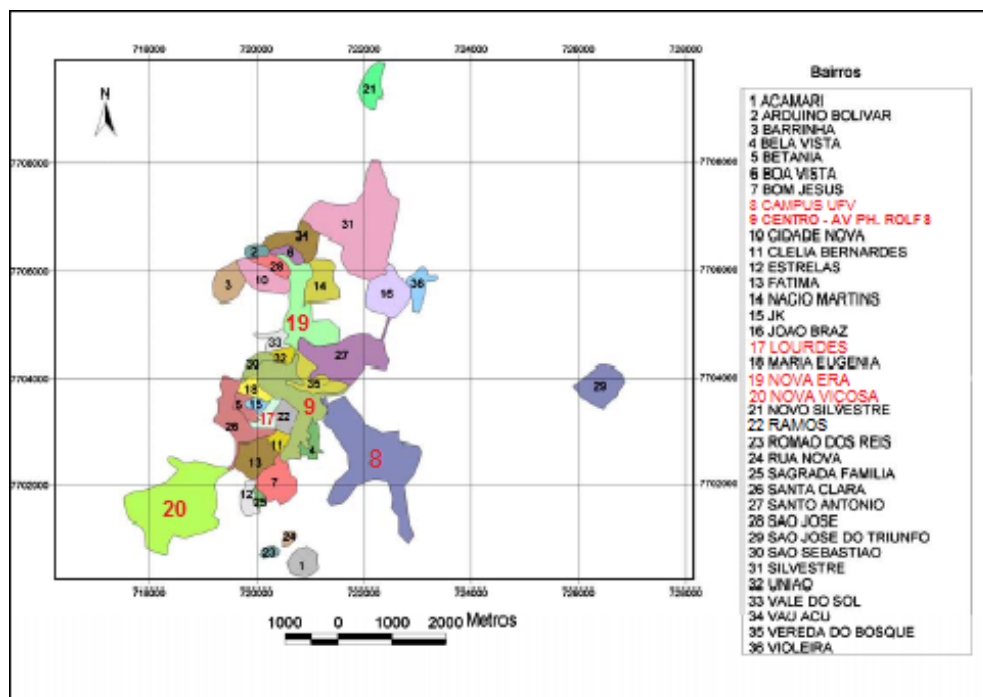
O que difere as diferentes tendências é a abordagem teórico-metodológica utilizada para a compreensão, a análise e a explicação do fenômeno ou objeto, dado que a 'função principal da teoria é indicar lacunas no conhecimento que temos da realidade e com isso gerar novos problemas de pesquisa'. (SPOSITO, 2000, p. 352)

Sendo assim, a aplicação deste trabalho de pesquisa foi direcionada objetivamente a compreender aspectos referentes ao processo de urbanização e da distribuição territorial do setor de serviços no município de Viçosa, localizado na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. Devido à natureza do objeto de análise, os procedimentos metodológicos deste estudo restringiram-se essencialmente ao ambiente urbano, excluindo, desta forma, a zona rural do município. Assim, estipulado o devido recorte espacial, procurou-se inicialmente: 1) traçar um perfil dos tipos de serviços públicos e privados que são oferecidos a população em Viçosa, 2) investigar para quais públicos tais serviços estão voltados, e por fim, 3) analisar a distribuição territorial da rede de serviços em determinados pontos da cidade.

Inicialmente, por tratar-se de um trabalho analítico-reflexivo na área de Geografia Urbana, privilegiou-se a coleta de dados junto a fontes oficiais que dispunham de informações acerca do processo de urbanização ocorrido no Brasil, e de forma especial na cidade de Viçosa. Neste sentido, foi realizada uma criteriosa pesquisa bibliográfica consultando documentos emitidos por órgãos internacionais (Organização das Nações Unidas – ONU), nacionais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), regionais (Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais – ALEMGO, Instituto de Geociência Aplicadas de Belo Horizonte - IGA) e municipais (Prefeitura Municipal de Viçosa, Instituto de Planejamento Municipal – IPLAM, Secretaria de Educação e Secretaria de Saúde de Viçosa).

Em seguida foram determinados os setores e bairros do município a serem amostrados neste trabalho, sendo escolhidos: o setor Av. P.H. Rolfs (incluindo campus da UFV), no Centro, os bairros Nova Era, Nova Viçosa e Lourdes, que podem ser devidamente identificados na cor vermelho (Fig. 1), no mapa abaixo.





Fonte: Minas Gerais - Geominas,(1996);Elaborado por: PEREIRA, Saulo Henrique de Faria, 2006.

Figura 1 – Bairros de Viçosa – MG, até 2005.

Fonte: PEREIRA, 2006, p.15.

Assim também, procurou-se- estabelecer uma melhor caracterização do processo de urbanização e também do desenvolvimento do setor terciário, recorrendo-se para isto, aos dados estatísticos referentes a aspectos demográficos e às atividades econômicas desenvolvidas no Brasil e neste município. Também foram levantados materiais sobre esta temática, na biblioteca central da UFV, obras históricas de autores viçosenses, assim como em periódicos da CAPES e, algumas revistas eletrônicas disponibilizadas na Internet.

Posteriormente, foi realizado o levantamento de campo nas áreas escolhidas da cidade, visando observar os aspectos relacionados à disponibilidade de infra-estrutura urbana nos pontos analisados, e também a distribuição territorial dos empreendimentos classificados como serviços, sendo estes públicos ou privados. Buscou-se ainda em campo, constituir a diferenciação entre os estabelecimentos caracterizados tipicamente enquanto comércio daqueles prestadores de alguma modalidade de serviço. E finalmente nesta etapa, foram feitas fotografias nas áreas analisadas com o intuito de ilustrar da forma mais real possível as informações colhidas *in lócus*. Feito isto, buscou-se através da análise dos dados e informações, constatar e compreender as desigualdades existentes na territorialização do setor de serviços em Viçosa, e a possível exclusão do acesso aos mesmos para algumas parcelas da população, com o intuito de propor modestamente soluções mitigadoras para esta condição.

## **CAPÍTULO I – URBANIZAÇÃO: A NOVA FACE DO MUNDO**

### **1.1 – O Processo de Urbanização: perspectiva geral no Mundo (1940 – 2000).**

Segundo Milton Santos (2003) “A urbanização como fenômeno social e espacial ainda permanece insuficientemente explicada. Os aspectos essenciais do problema são sempre ignorados.” (SANTOS, 2003, p. 22). Para o referido autor, fatores como a atração da força de trabalho, os baixos salários, a especialização agrícola, a extrema divisão social do trabalho e a concentração econômica e espacial, são elementos estratégicos utilizados pelo sistema capitalista e encontram-se intrinsecamente associados à urbanização. Estes fatores são, portanto, de fundamental importância e precisam ser considerados para o entendimento da urbanização enquanto processo espacial. Neste sentido, Milton Santos explica que “A urbanização é simultaneamente um resultado e uma condição do processo de difusão do capital.” (SANTOS, 2003, p. 23).

Por possuir natureza consideravelmente complexa e desigual, o processo de urbanização está diretamente associado a diversos problemas apontados por Milton Santos. No que compete à saída de pessoas do campo com destino às cidades, de acordo com o autor “A população que lota estas cidades em rápido crescimento constitui mão-de-obra barata, e por sua mera presença, garante o estabelecimento de um estoque de capital fixo [...]” (SANTOS, 2003, p. 23). Conforme observa Santos, os trabalhadores desalojados dos campos são atraídos principalmente para as grandes cidades, “Uma vez que nela os salários são mais elevados, assim como, de modo geral, as diferentes rendas, e porque é mais fácil se encontrar ocupação nela do que nas cidades intermediárias [...]” (SANTOS, 2003, p. 154).

Os deslocamentos populacionais sempre estiveram associados à história da humanidade. Segundo Amélia Luisa Damiani (1998), “As migrações aparecem como característica permanente da espécie humana.” (DAMIANI, 1998, p. 51). Esta mesma autora completa sua argumentação lembrando que: “Max Sorre diz que a mobilidade é a lei que rege todos os grupos humanos, portanto, o estudo da circulação ocupa um lugar importante na geografia humana.” (DAMIANI, 1998, p. 51). Estes movimentos populacionais são afetados diretamente por eventos de caráter distintos, como conflitos, fenômenos naturais, desemprego, entre outros. Mas um tipo específico de migração, no entanto, é de fundamental importância a ser analisada no processo de urbanização, a migração do campo para a cidade.

A saída do meio rural para os núcleos urbanos é um fenômeno mundial. Sua intensificação a partir da década de 1940 está historicamente atrelada a crescente industrialização ocorrida neste período, bem como a outros fatores observados pelos estudos realizados pela Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com a ONU, através do

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em seu Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) ano base 2009, “A urbanização é despoletada em parte pelo crescimento natural da população nas áreas urbanas, paralelamente à migração verificada a partir das zonas rurais e do estrangeiro.” (ONU, PNUD, 2009, p. 32). A partir da década de 1960, a ONU considera que os fluxos migratórios estiveram associados a três fatores principais, sendo estes: “tendências de rendimento, crescimento da população e custos de transporte [...]” (ONU, PNUD, 2009, p. 32).

A busca por melhores níveis vida (bem-estar social) e oferta de serviços essenciais também podem ser mencionados como razões diretas para os deslocamentos populacionais, sobretudo, no caso da migração campo/cidade. Isto pode ser comprovado através do que expõe o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU ano base 2009, quando aponta que: “Em muitas áreas rurais em países em desenvolvimento, a educação está disponível apenas ao nível do ensino primário e com uma qualidade inferior àquela das áreas urbanas, o que constitui um motivo adicional para a migração rural-urbana.” (ONU, PNUD, 2009, p. 57).

Para o historiador Eric John Hobsbawn (1995), a partir da década de 1980 “Só três regiões do globo permaneceram essencialmente dominadas por aldeias e campos: a África subsaariana, o sul e o sudeste da Ásia continental e a China.” (HOBSBAWN, 1995, p. 286). Apesar deste considerável (e constante) fluxo populacional saído do campo em direção a cidade, o autor ressalva que “Essas regiões de denominação camponesa ainda representavam reconhecidamente metade da raça humana no fim do nosso período.” (HOBSBAWN, 1995, p. 286). No entanto, a inversão acelerada das taxas de população rural/urbana ganhou corpo e assumiu caráter de fenômeno mundial, sendo também observada nos indicadores do Relatório de Desenvolvimento Humano ano base 2009, quando informa que:

A parcela da população rural diminuiu acentuadamente em todas as economias que se tornaram desenvolvidas, descendo, nomeadamente, nos Estados Unidos de 79%, em 1820, para abaixo de 4%, em 1980, e ainda mais rapidamente na República da Coreia de 63%, em 1963, para 7% em 2008. (ONU, PNUD, 2009, p. 29)

Sobre este fato, Marcos Costa Lima (2003) lembra que “A velocidade da urbanização tem sido particularmente alta nos países em desenvolvimento [...] Em 1970 dezesseis cidades latino-americanas ultrapassavam um milhão de habitantes.” (LIMA, 2003, p. 8). O autor prossegue mostrando que “No início da década de 90, o nível de urbanização da região é de 71%, quase tão alto quanto nos países industrializados.” (LIMA, 2003, p. 8). Acontece que nas regiões do globo que alcançaram desenvolvimento econômico mais expressivo, as taxas de crescimento urbano se estabilizaram. Isto se deve, sobretudo, ao fato de já contarem com grande parcela de sua população alocada em áreas urbanas, como visto (Tab. 1) a seguir.

Tabela 1 – Taxas e Projeções demográficas para o Mundo, 2008 – 2050

Regiões	População total (milhões) (2008)	População projetada (milhões) (2050)	Taxa média de crescimento pop. (%) (2005-2010)	% urbana (2008)	Taxa de crescimento urbano (2005- 2010)
Total Mundial	6.749,7	9.191,3	1,2	50	2,0
<b>Regiões mais desenvolvidas</b>	<b>1.226,3</b>	<b>1.245,2</b>	<b>0,3</b>	<b>75</b>	<b>0,5</b>
Regiões menos desenvolvidas	5.523,4	7.946,0	1,4	44	2,5
Países menos desenvolvidos	823,8	1.742,0	2,4	28	4,1

Fonte: ONU, 2008. Relatório Sobre a Situação da População Mundial – 2008.

As regiões mais desenvolvidas incluem a América do Norte, Japão, Europa, Austrália e Nova Zelândia. As regiões menos desenvolvidas incluem todas as regiões da África, América Latina e Caribe, Ásia, bem como Melanésia, Micronésia e Polinésia. Os países menos desenvolvidos são assim designados segundo a terminologia padrão da ONU.

O mesmo resultado é encontrado através do gráfico (Fig. 2) elaborado pelas Nações Unidas comprovando o crescimento urbano estabilizado ou mesmo decrescente nas regiões do mundo que obtiveram maior desenvolvimento econômico, e suas projeções até 2030.

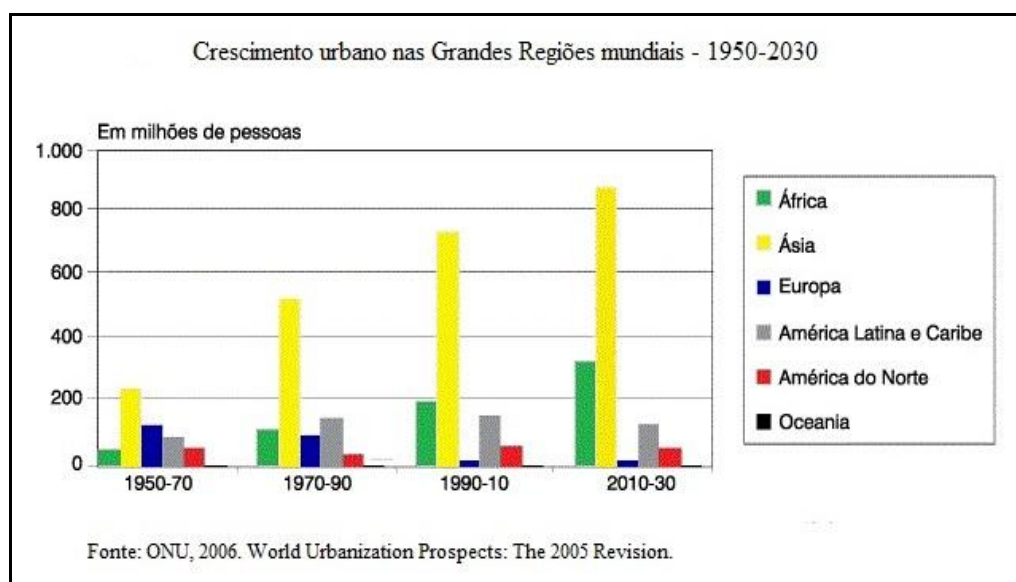


Figura 2: Crescimento urbano nas Grandes Regiões mundiais – 1950-2030  
 Fonte: Fonte: ONU, 2006. Perspectivas de Urbanização no Mundo: A Revisão 2005.

Contudo “Em muitos países em desenvolvimento a urbanização não abrandou, e espera-se até que continue.” (ONU, PNUD, 2009, p. 32). Esta projeção da ONU, pode ser melhor analisada no que diz respeito a sua dimensão espacial, na sequência de mapas mostrada a seguir.

Em 1975, de acordo com a ONU, a parcela urbana mundial (Fig. 3) apresentava uma taxa em torno de 37,2%, concentrada, sobretudo, nos países mais desenvolvidos.

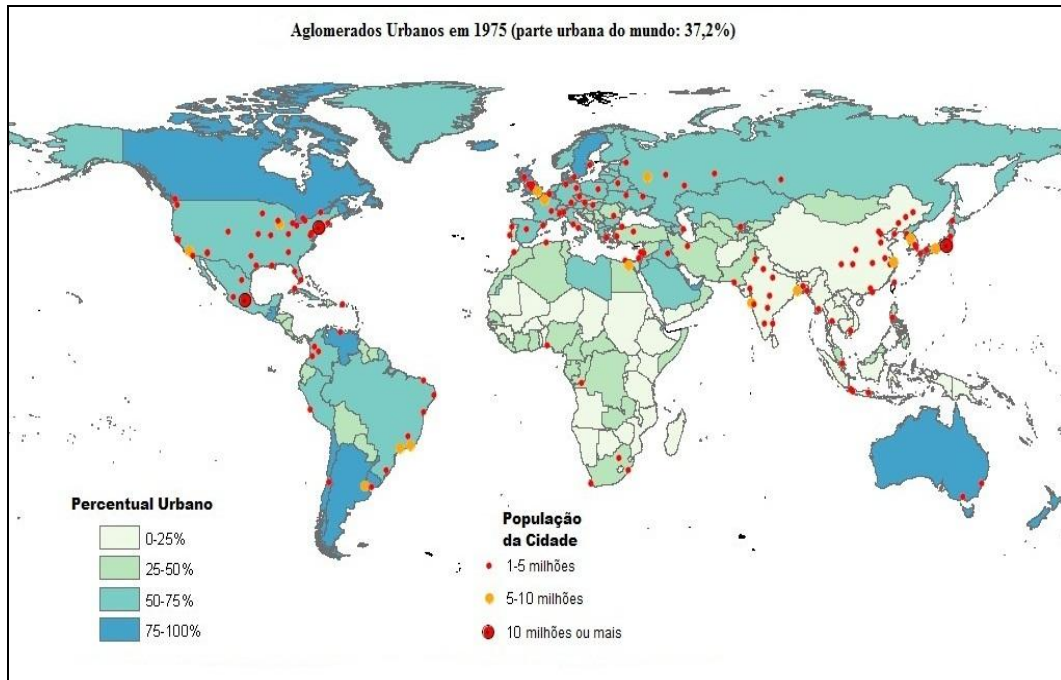


Figura 3: Aglomerados Urbanos em 1975.  
Fonte: ONU, 2010. Perspectivas da Urbanização no Mundo: A Revisão 2009.

Já em 2009, comprova-se um avanço nas taxas da população urbana mundial (Fig. 4), para cerca de 50,1%. É notável destacar o espraiamento da urbanização pelo mundo, potencializada principalmente nos países em desenvolvimento.

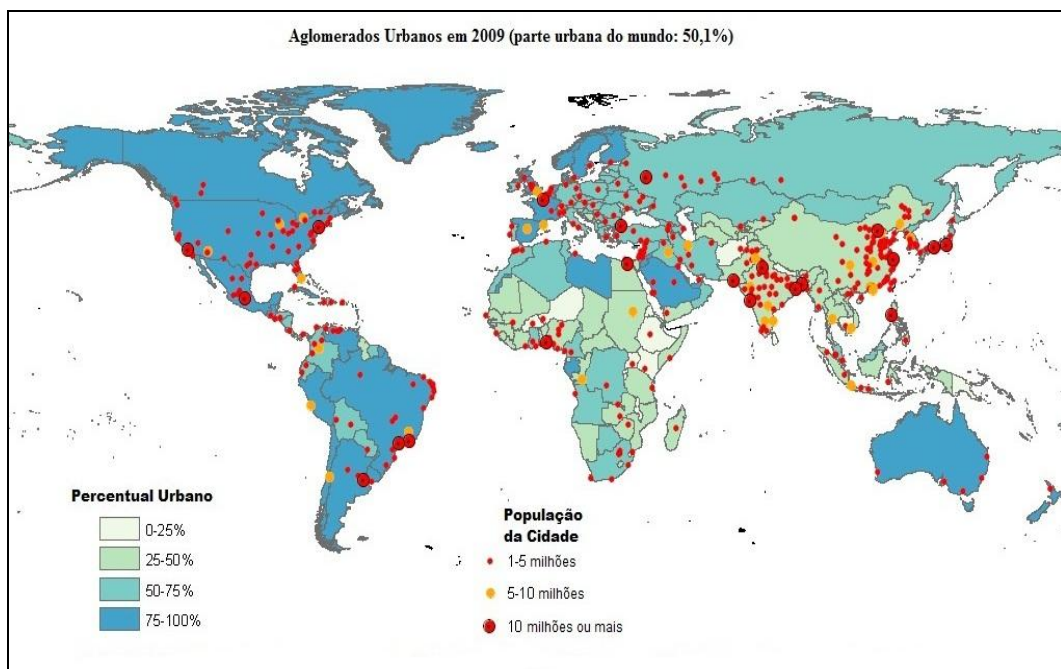


Figura 4: Aglomerados Urbanos em 2009  
Fonte: ONU, 2010. Perspectivas da Urbanização no Mundo: a Revisão 2009.

E finalmente, a perspectiva da urbanização no mundo (Fig. 5), de acordo com as projeções realizadas pela ONU até o ano de 2025.

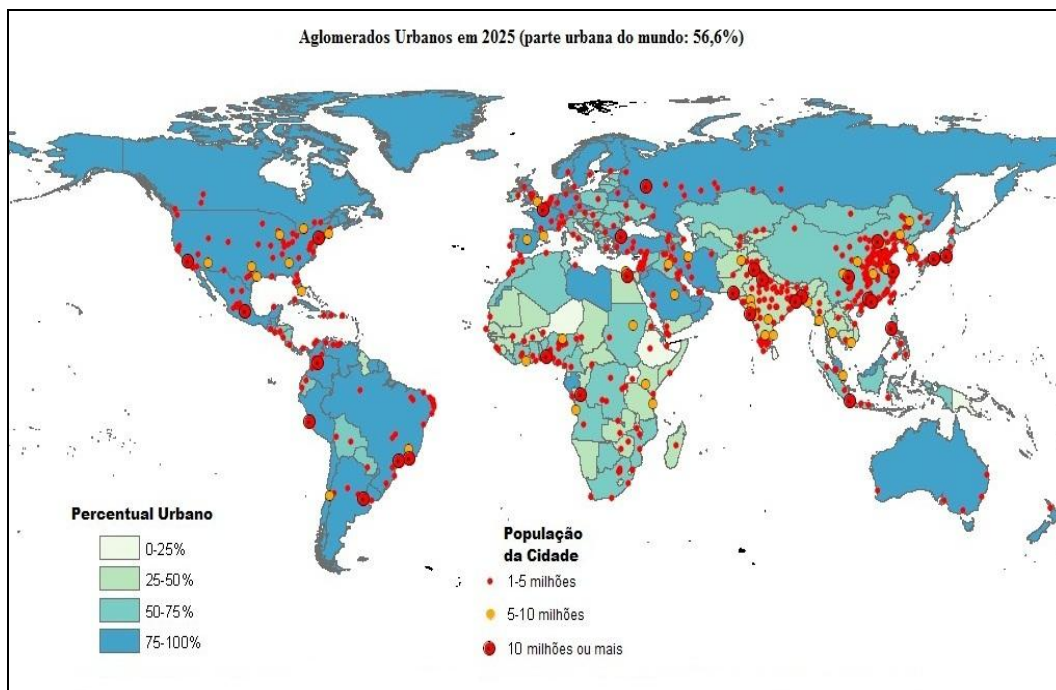


Figura 5: Aglomerados Urbanos em 2025  
Fonte: ONU, 2010. Perspectivas da Urbanização no Mundo: a Revisão 2009.

A esta notável expansão do processo de urbanização mundial, acirrada principalmente a partir da década de 1970, encontra-se adjunto o agravamento de crises já pré-existentes nos países em desenvolvimento. Sejam estas tensões de ordem econômica, ambiental, política e principalmente sociais, atingindo diversas escalas de abrangência. Por esta razão que:

A urbanização pode estar associada a grandes desafios para aqueles que habitam nas cidades e para as autoridades do governo responsáveis pelo planejamento urbano e respectivos serviços. O desafio mais relevante traduz-se pelos dois mil milhões de pessoas – 40% dos residentes em áreas urbanas – que se espera estar a viver em bairros degradados em 2030. Como se sabe, as condições de vida são frequentemente muito precárias nos bairros degradados, incluindo a falta de acesso a água e saneamento adequados e títulos de posse inseguros (ONU, PNUD 2009, p. 32)

Assim, para Françoise Choay (2003): “A sociedade industrial é urbana. A cidade é o seu horizonte. Ela produz as metrópoles, conurbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses locais.” (CHOAY, 2003, p. 1). Percebe-se dessa forma o quanto a urbanização é um processo dicotômico e planejadamente induzido. Sobre isto, Milton Santos (2003) alerta que “O capitalismo está conduzindo uma guerra clausewitziana [...] Não basta recomendar a urbanização. Esta também tem que ser macrocefálica e cumulativa.” (SANTOS, 2003, p. 23).



## 1.2 – O Processo de Urbanização: perspectiva geral no Brasil (1940 – 2000).

No Brasil, assim como no restante do mundo, o processo de urbanização despertou mais significativamente a partir dos anos 40. Veio a tornar-se mais expressivo a partir da década de 1970, quando intensifica-se as atividades industriais no país, ocasionando a suplantação da população rural pela população urbana. Mesmo figurando entre os países de modernização tardia, as taxas de crescimento urbano e de industrialização brasileiras continuaram em evolução desde a metade do século XX permanecendo nesta perspectiva ascendente até os dias atuais. O número de municípios brasileiros (IBGE, 2000) que em 1940 somava 1.574, cresceu consideravelmente, chegando ao ano 2000 a 5.507 municípios. Acompanhando essa tendência de crescimento, a população também passou por um processo de expansão, conforme assinala Pedro Geiger (2003) “A população cresceu de cerca de 40 milhões em 1940 para cerca de 170 milhões em 2000, e a urbanização passou de cerca de 32% para mais de 80% no período acima.” (GEIGER, 2003, p. 18)

Este *boom* populacional foi nomeado por Santos e Silveira (2004) de revolução demográfica. Assim, para estes autores:

Desde a revolução urbana brasileira, consecutiva à revolução demográfica dos anos 50, tivemos primeiro, uma urbanização aglomerada, com o aumento do número – e da respectiva população – dos núcleos urbanos com mais de 20 mil habitantes, e em seguida uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermédio, para alcançarmos, depois, o estágio da metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes cidades médias [...] (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 202)

Essa abordagem de Santos e Silveira (2004) é profundamente esclarecedora, no sentido em que demonstra as etapas da urbanização no Brasil até chegar a sua característica mais marcante, a metropolização. Sobre este aspecto Adma Hamam de Figueiredo (2002) expõe que, “Nesse sentido, o Brasil chega ao ano 2000 com treze cidades acima de 1 milhão de habitantes, contendo, além das duas metrópoles nacionais – São Paulo e Rio de Janeiro [...], outras 11 metrópoles regionais [...]”. (FIGUEIREDO, 2002, p. 8)

O Brasil, notadamente expande seus números a partir da década de 1940, e seguindo a cartilha da modernização (industrialização – urbanização), emerge como um dos mercados mais promissores da América Latina. No entanto, para galgar essa condição era preciso que o “gigante pela própria natureza” superasse obstáculos historicamente construídos, dentre muitos outros, era preciso resolver a questão da ocupação territorial no país. Tornava-se absolutamente necessária o rompimento com a estrutura de “ilhas” de adensamento econômico e populacional vigente até a década de 1950. No tocante a esse movimento, Figueiredo (2002) tece as seguintes considerações:

A esse movimento de incorporação de áreas ao espaço econômico nacional associou-se um processo de urbanização e de industrialização que significou, simultaneamente a desconcentração econômica e demográfica rumo ao interior, resultando na expansão e adensamento da rede urbana nacional, que passa a contar com a presença de cidades grandes e de numerosas cidades médias fora do eixo litorâneo [...] (FIGUEIREDO, 2002, p. 8).

Assim passaram a ocorrer simultaneamente no cenário nacional uma dinâmica de ocupação do interior e de aceleração da urbanização, que produziram diretamente um aumento na migração da população oriunda do campo para cidade. O Brasil estava mudando. E esta mudança era acelerada demais. Assim como também foi rápida a inversão populacional, que pode ser melhor caracterizada através da análise do gráfico de população residente, por situação do domicílio no Brasil, de 1940 a 2000 (Fig. 6), apresentado a seguir:

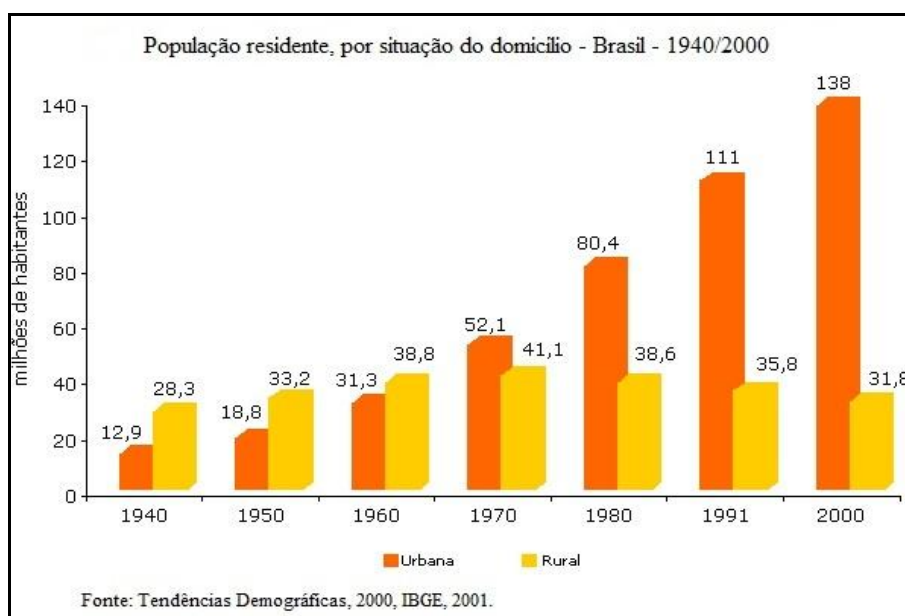


Figura 6 - População residente, por situação do domicílio – Brasil – 1940/2000  
Fonte: IBGE, 2001. Tendências Demográficas, 2000.

Contudo, não foram apenas os indicadores demográficos que passaram por profundas transformações no Brasil a partir da década de 1970, as mudanças no setor econômico do país, são também alvo de análise para Geiger (2003) ao lembrar que “A industrialização coloca o Brasil entre o 10º e o 12º lugar mundial, quanto ao Produto Interno Bruto.” (GEIGER, 2003, p. 18). Politicamente o Brasil também passou por intensas mudanças ao longo deste período, conforme mostra Figueiredo (2002):

O discurso da integração nacional fundamentou o nacional-desenvolvimentismo assumindo forma elaborada e ação política agressiva a partir da década de 70, quando a aceleração do processo de urbanização-industrialização passa a alterar, de forma radical, o ritmo e a forma de articulação e uso do território nacional. (FIGUEIREDO, 2002, p. 8)



Definitivamente o Brasil não era mais o mesmo. Conforme menciona Milton Santos (1994): “A urbanização brasileira conhece, nitidamente dois grandes regimes, ao longo das diferentes periodizações que se proponham.” (SANTOS, 1994, p. 25). Assim, para este autor “Após os anos 40-50, os nexos econômicos ganham enorme relevo, e se impõem às dinâmicas urbanas na totalidade do território, [...] e antes desse momento, o papel das funções administrativas tem, na maior parte dos estados, uma significação preponderante.” (SANTOS, 1994, p. 25). Dessa forma, é possível notar também uma evidente alteração nas formas e funções das cidades brasileiras, principalmente as capitais dos estados.

Denise Elias (2007) aponta que o Brasil experimentou diversos períodos ao longo do processo de urbanização, desde a aguda metropolização ocorrida nos anos 60 e 70, e posteriormente passando ao fenômeno da involução metropolitana, nos anos 80. A autora lembra em sua abordagem que as transformações ocorridas no meio rural, também produziram efeitos importantes no que se refere a intensificação do processo de urbanização ocorrido no Brasil, sobretudo a partir da implementação da chamada “Revolução Verde”, na década de 60. Santos (1994) aponta que “A partir dos anos 60, e sobretudo na década de 70, as mudanças não são, apenas, quantitativas, mas, também, qualitativas. A urbanização ganha novo conteúdo e nova dinâmica, graças aos processos de modernização que o País conhece.” (SANTOS, 1994, p. 60)

A modernização da agricultura, por exemplo, especializou as atividades desenvolvidas no campo, subordinando-o ao comando da cidade, e reestruturando seu funcionamento e as relações sociais existentes. Neste sentido Denise Elias lembra que, “Como resultado, houve uma nova estrutura social e territorial do trabalho, com grandes impactos na estrutura demográfica e do emprego, que culminaram com o acelerado processo de urbanização.” (ELIAS, 2007, p. 55).

A partir dos anos 70, de acordo com Milton Santos (2002) ocorre a afirmação do *meio técnico-científico-informacional*, inclusive nos países em desenvolvimento como o Brasil, com isto “Rompem-se os equilíbrios preexistentes e novos equilíbrios mais fugazes se impõem: do ponto de vista da quantidade e da qualidade da população e do emprego, dos capitais utilizados, das formas de organização das relações sociais [...]”. (SANTOS, 2002, p. 240). Configura-se a partir deste período uma verdadeira “*Nova Ordem Mundial*”. Sobre isto, Santos e Silveira (2004) mostram que:

Graças à propaganda, à industrialização, ao crédito e à urbanização, amplia-se o consumo ao mesmo tempo que há uma transformação mais rápida de valores de uso em valores de troca, acelerada pela especialização territorial da produção, pelo novo patamar de urbanização e pela valorização da terra. (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 52)

Nesta perspectiva, nos anos 80 e 90 mesmo ocorrendo o fenômeno da desmetropolização, acontece a consolidação da urbanização no Brasil. As taxas de crescimento urbano superam as taxas de crescimento populacional total. Esta tendência pode ser melhor observada através da análise dos dados de aspectos demográficos do Brasil e de suas Grandes Regiões (Tab. 2), elaborada com base no Censo Demográfico de 1996.

Tabela 2 - Aspectos demográficos do Brasil e suas Grandes Regiões

<b>Brasil e Grandes Regiões</b>	<b>Projeção da população total</b>	<b>Taxa de Crescimento anual (1)</b>	<b>Taxa de Urbanização % (1)</b>
Brasil	165.371.493	1,4	78,4
Norte	12.342.627	2,4	62,4
Nordeste	46.995.094	1,1	65,2
Sudeste	70.190.565	1,4	89,3
Sul	24.546.983	1,2	77,2
Centro-Oeste	11.296.224	2,2	84,4

Fonte: IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Divisão de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08) - Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sócio-demográficos. (1) Permanecem os dados de 1996.

Assim também, a mesma tendência é evidenciada para os anos subsequentes até o ano 2000, como visto no gráfico de grau de urbanização segundo as Grandes Regiões do Brasil – 1991/2000 (Fig. 7), elaborado com base no Censo Demográfico 2000, realizado pelo IBGE.

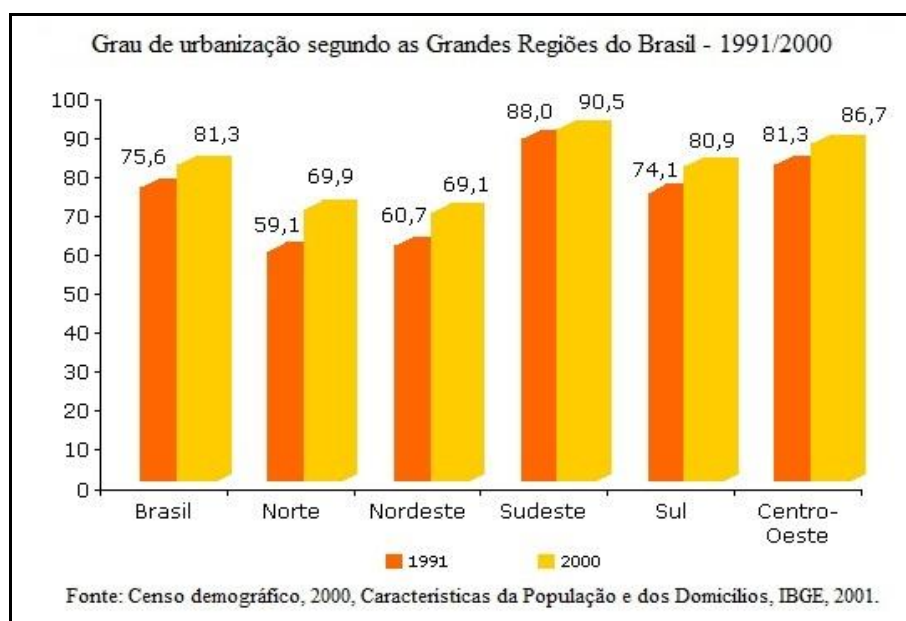


Figura 7 – Grau de urbanização segundo as Grandes Regiões do Brasil – 1991/2000  
Fonte: IBGE, 2001. Censo Demográfico, 2000.

Desta forma, materializa-se no Brasil, bem como em grande parte do mundo, o que Marx e Engels (1967) já preconizavam como a “vitória da cidade comercial sobre seu *hinterland*”, em razão principalmente da vigência da modernização (urbanização – industrialização). Este processo ainda que de forma menos acelerada do que ocorrido nas décadas precedentes, segue em marcha de expansão pelo Brasil, conforme ponderam Santos e Silveira (2004), ao indicarem que “Mais recentemente, todas as áreas do país conheceram um revigoramento do seu processo de urbanização, ainda que em níveis e formas diferentes, graças às diversas modalidades do impacto da modernização sobre o território.” (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 273)

Quanto à espacialização, o processo de urbanização ocorrido no Brasil a partir da década de 1940 pode ser mais perfeitamente compreendido através da análise da sequência de mapas a seguir, elaborados por Santos e Silveira (2004), com base nos níveis de hierarquia urbana (sistema de cidades metropolitanas, sistema de cidades médias e sistema de cidades pequenas) concebidos por Speridião Faissol (1994). Assim, partindo do mapa de cidades com mais de 20 mil habitantes (classificadas como pequenas) na década de 1940 (Fig. 8), demonstra-se o início do avanço do processo de urbanização brasileira.



Figura 8 – Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1940  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XL.

Na década de 1970 (Fig. 9), já é possível notar a ampliação do processo de urbanização com o considerável acréscimo na quantidade de núcleos urbanos com mais de 20 mil habitantes, bem como o seu espraiamento em direção ao interior do país.



Figura 9 – Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1970  
 Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XLII.

E finalmente, o mapa de cidades com mais de 20 mil habitantes para o ano de 1996 (Fig. 10), aparece comprovando um significativo aumento no número de núcleos urbanos desta categoria, evidenciando deste modo a mudança ocorrida na ocupação territorial após a década de 1970, e a efetiva interiorização da urbanização pelo Brasil.

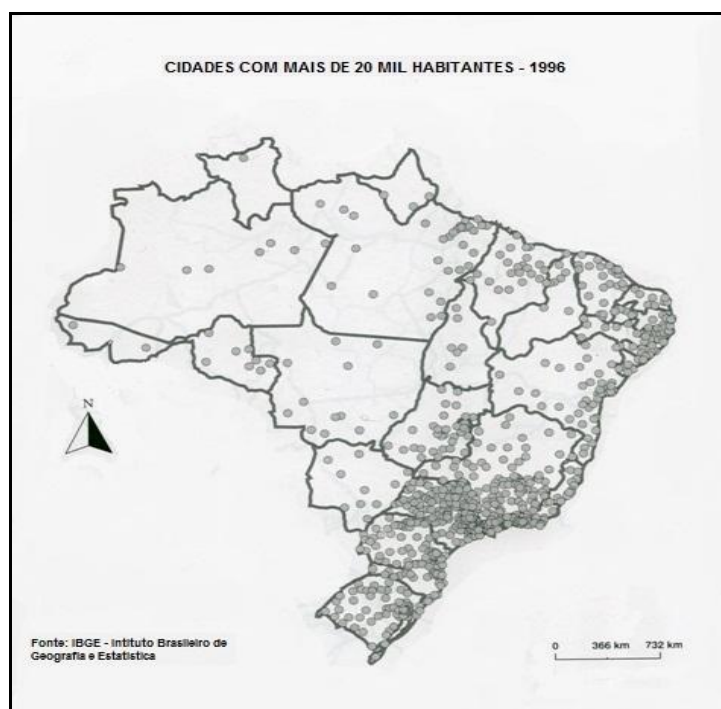


Figura 10 – Cidades com mais de 20 mil habitantes – 1996  
 Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XLV.

Do mesmo modo, passando ao sistema de cidades médias, representa-se no mapa a seguir, cidades com mais de 100 mil habitantes (classificadas como médias) para a década de 1940 (Fig. 11), notando sua propagação pelo território brasileiro, quando figuravam ainda em número bastante incipiente.



Figura 11 – Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1940  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XLVI.

Como visto, mesmo avançando até a década de 1970 (Fig. 12), as cidades desta categoria ainda permaneciam em quantidade moderada e pouco dispersa pelas regiões do país.



Figura 12 – Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1970  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XLVIII.

Para o ano de 1996, no entanto (Fig. 13), nota-se uma proliferação mais acelerada destes núcleos urbanos, assim como uma maior abrangência em sua distribuição pelo país, com destaque para a região Sudeste, Sul e também Nordeste.



Figura 13 – Cidades com mais de 100 mil habitantes – 1996  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. XLIX.

Por fim, vê-se a difusão das cidades milionárias a partir da década de 1970 (Fig. 14), onde se destacam notoriamente as metrópoles nacionais, Rio de Janeiro e São Paulo.



Figura 14 – Difusão do fenômeno cidades milionárias – 1970  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. LVI.

E no ano de 1996 (Fig. 15), observa-se que mesmo após o fenômeno da involução metropolitana ocorrido nas décadas de 1980-1990, as duas principais cidades milionárias do país continuaram a aumentar seu contingente populacional de forma considerável. Assim também, é possível notar o surgimento de cidades milionárias em todas as regiões do Brasil, e principalmente seu adensamento na porção Centro-Sul do país.



Figura 15 – Difusão do fenômeno cidades milionárias – 1996  
Fonte: SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. LVII.

É inegável que a urbanização produziu uma nova configuração no país, e as conseqüências intrínsecas deste processo também foram e continuam sendo decisivamente transformadoras na sociedade contemporânea. O Brasil mudou, e esta transformação acabou mudando também o brasileiro. Nesta perspectiva, Denise Elias adverte que, “O importante, entretanto, é destacar que é impossível continuar simplesmente dividindo o Brasil da forma clássica que perdura até hoje, entre urbano e rural.” (ELIAS, 2007, p. 55).

### 1.3 – A Urbanização de Viçosa, MG: do café à Universidade

Conforme abordagens históricas, notadamente observadas em ALENCAR (1959, 1989), PANIAGO (1990) e RIBEIRO FILHO (1997), a fundação de Viçosa está diretamente associada com o drástico declínio da exploração do ouro em Mariana, Ouro Preto e demais cidades mineradoras de Minas Gerais. O depauperamento das jazidas e a escassez de alimentos na região do ouro fomentaram a busca por locais mais adequados com solos férteis para o desenvolvimento da agricultura. De acordo com Zacchi (2009),



As atividades desenvolvidas, no início da colonização, eram basicamente as de cultivo de produtos alimentares, tendo por base a policultura agrícola que supria as necessidades de sobrevivência e ainda tinham importante papel de abastecimento dos centros mineradores da região. (ZACCHI, 2009, p. 32)

Para Ribeiro Filho (1997), a cidade de Viçosa experimentou um processo de urbanização análogo ao observado em algumas cidades brasileiras, iniciando sua formação como um pequeno povoado, onde a população era composta basicamente por escravos e ex-escravos, índios nativos, garimpeiros, descendentes de portugueses e também por grandes latifundiários. Assim como em grande parte dos municípios do interior de Minas Gerais, Viçosa nasce fundamentada sobremaneira na atividade agrícola, mas há um outro elemento de fundamental importância a ser considerado no que diz respeito ao surgimento do município: o patrimônio religioso. De acordo com o IBGE,

A história de Viçosa se inicia, propriamente, no século XIX. Foi em 1800, segundo apontamentos eclesiásticos que o Padre Francisco José da Silva obteve do bispado de Mariana permissão para erigir uma ermida em homenagem a Santa Rita de Cássia, na região que hoje abrange o Município. No local se formou o povoado que tomou o nome a essa invocação e mais tarde, já em 1832, foi mudado para Santa Rita do Turvo. (IBGE, 2009)

Em 30 de setembro de 1871, o povoado é reconhecido como vila de Santa Rita do Turvo, e mais tarde pela força da Lei Provincial nº 2.216, de 03 de junho de 1876, foi elevada à categoria de cidade, passando a ser chamada oficialmente de Viçosa de Santa Rita. Posteriormente, com a entrada em vigor da lei nº 230, em 10 de novembro de 1890 a Comarca de Viçosa foi definitivamente criada.

Foram muitas as transformações ocorridas na cidade desde a fundação da antiga Santa Rita do Turvo para a Viçosa do século XXI, sejam estas de caráter econômico, populacional, administrativas e sociais. Porém, poucas são as heranças patrimoniais que ainda podem ser encontradas como testemunho das mudanças ocorridas no espaço urbano viçosense. Sobre isto Zacchi (2009) explica que

Recentemente observa-se que a fisionomia de muitas cidades brasileiras tem sido modificada não só pela construção de novos prédios, mas também pela substituição rápida de casas por este tipo de moradia principalmente nas áreas mais valorizadas das cidades. Inclusive observa-se também a deteriorização e destruição do patrimônio arquitetônico e histórico de muitas cidades brasileiras para construção de edifícios de apartamentos tendo em vista a multiplicação dos lucros e reprodução dos capitais [...] (ZACCHI, 2009, p. 29)

Nem mesmo a cultura do café que chegou a Zona da Mata mineira ainda no século XIX, e que por um longo período conduziu as atividades econômicas da cidade resistiu à dinâmica de urbanização, espontaneamente implementada. Assim, vão sendo perdidas



indiscriminadamente preciosas heranças históricas representantes da cultura local. A ilustração abaixo apresenta um pouco desse rico patrimônio, mostrando um antigo mapa do município de Viçosa (Fig. 16), seus limites com os municípios vizinhos, alguns dos antigos distritos, e também edifícios e locais marcantes da paisagem viçosense.

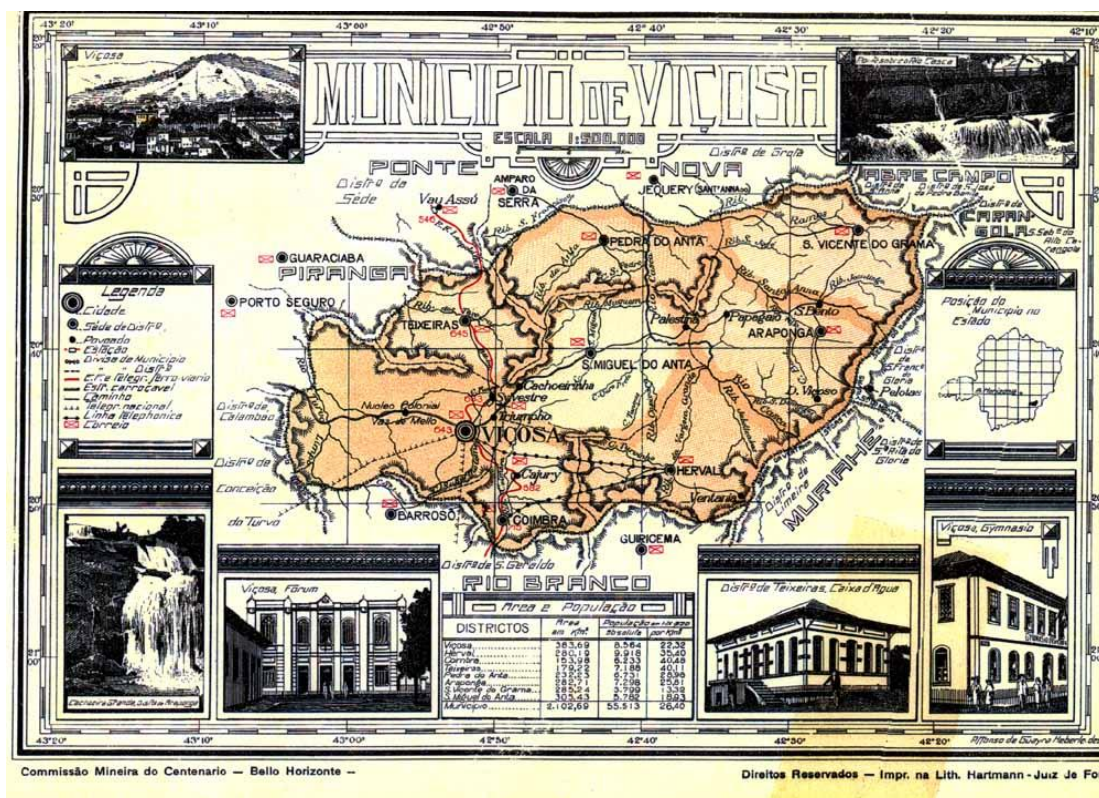


Figura 16 – Mapa antigo do Município de Viçosa  
 Fonte: [http://www.dpi.ufv.br/funcion/altino/vicosa\\_main.htm](http://www.dpi.ufv.br/funcion/altino/vicosa_main.htm)

Segundo o IBGE, “Em 1911 compunha o Município, então denominado Viçosa, os distritos da sede, Teixeira, São Miguel do Anta, Coimbra, Erval, Araponga, São Vicente do Gramma e Pedra do Anta, assim figurando no Recenseamento Geral de 1920.” (IBGE, 2010). Posteriormente, “Pela Lei estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923, criou-se o distrito do Canaã, com território desmembrado do de São Miguel do Anta, passando a 9 o número de distritos.” (IBGE, 2010). Contudo, nas décadas que se seguiram ocorreram diversos desmembramentos com vários destes distritos conseguindo emancipação. Atualmente Viçosa conta com quatro municípios, sendo estes: o município sede, Cachoeira de Santa Cruz, São José do Triunfo e Silvestre (IGA, 2010).

O município faz parte da Mesorregião da Zona da Mata, e da Microrregião de Viçosa, localizadas no estado de Minas Gerais (IBGE). Possui área estimada de 300,15 Km<sup>2</sup> e altitude no ponto central da cidade de 649 m, fazendo parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, e

tendo como principais cursos d'água o Rio Turvo Sujo e o Rio Turvo Limpo. As coordenadas geográficas do município são o paralelo de 20° 45' S e o meridiano de 42° 52' W. O relevo é classificado em sua maior parte como acidentado, com 85% montanhoso, 12% ondulado e apenas 3% plano, o que proporciona graves conseqüências na ocupação urbana irregular amplamente notada na cidade.

A pacata cidade do interior mineiro é também berço do advogado e político brasileiro Arthur da Silva Bernardes, que exerceu a presidência do Brasil entre 1922 a 1926, sendo fundador da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), que posteriormente deu origem a Universidade Federal de Viçosa (UFV). O campus da universidade encontra-se localizado em uma grande área plana na área urbana, ocupando desta forma os melhores terrenos da cidade, que forçosamente se expandiu para áreas menos favoráveis ou afastadas. São 41 bairros na “cidade real” (de acordo com o zoneamento do Plano Diretor), sendo que deste número, grande parte apresenta sérias deficiências de infra-estrutura urbana, situação oposta ao que se observa na “cidade ideal” (Campus da UFV).

Feita esta caracterização inicial, objetivando uma melhor localização espacial do município de Viçosa, apresentam-se os mapas a seguir, partindo da indicação do município dentro do estado de Minas Gerais (Fig. 17).

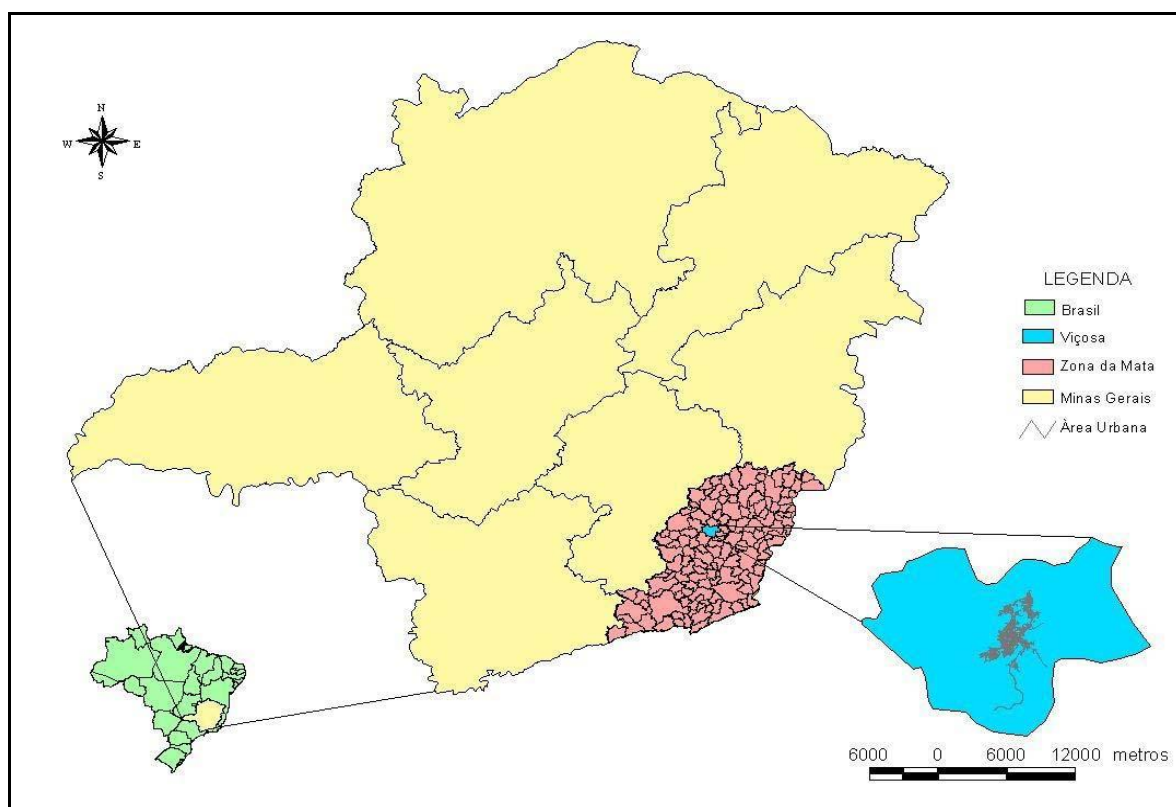


Figura 17 – Localização do município de Viçosa no estado de Minas Gerais.  
Fonte: PEREIRA, 2005, p. 198.

No mapa a seguir (Fig. 18), encontram-se representadas as doze Meso-regiões de Minas Gerais, classificadas de acordo com o IBGE, ressaltando que o município de Viçosa faz parte da Meso-região Zona da Mata.

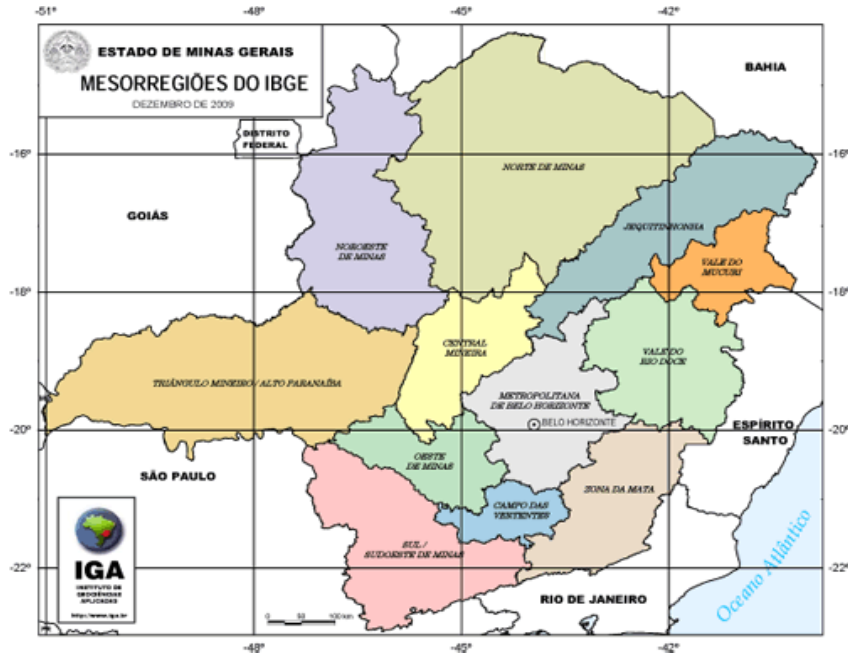


Figura 18 – Meso-regiões de Minas Gerais  
 Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas, 2007.

Assim também, estão representadas no próximo mapa (Fig. 19) as Micro-regiões de Minas Gerais, classificadas de acordo com o IBGE, lembrando que Viçosa faz parte da Micro-região de mesmo nome, que aparece abaixo destacadamente (em vermelho).

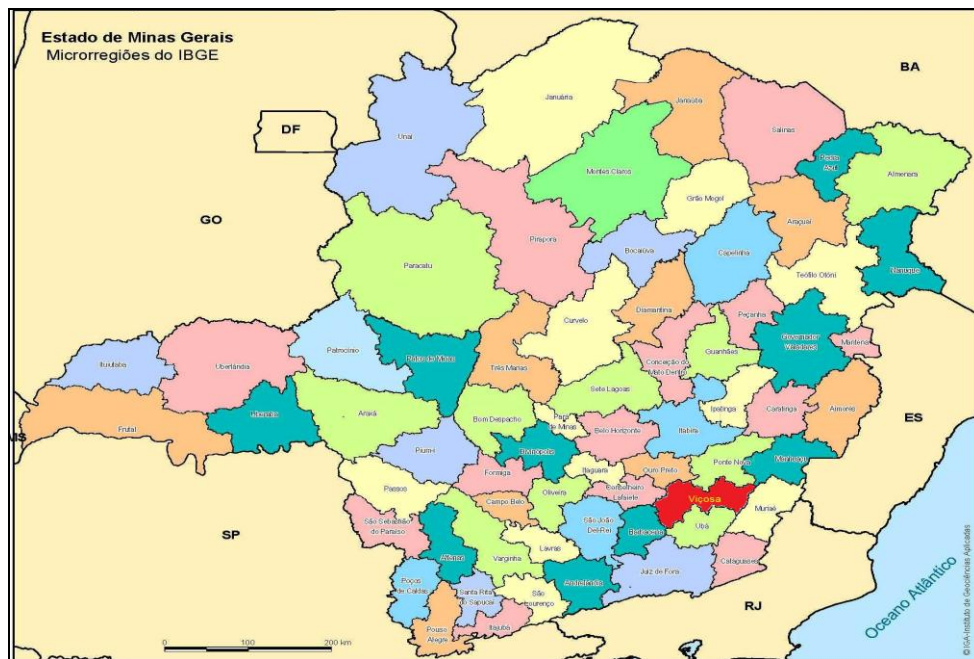


Figura 19 – Micro-regiões de Minas Gerais  
 Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas, 2007.



E por fim, a representação da Mancha Urbana do município de Viçosa (Fig. 20), juntamente com o Campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

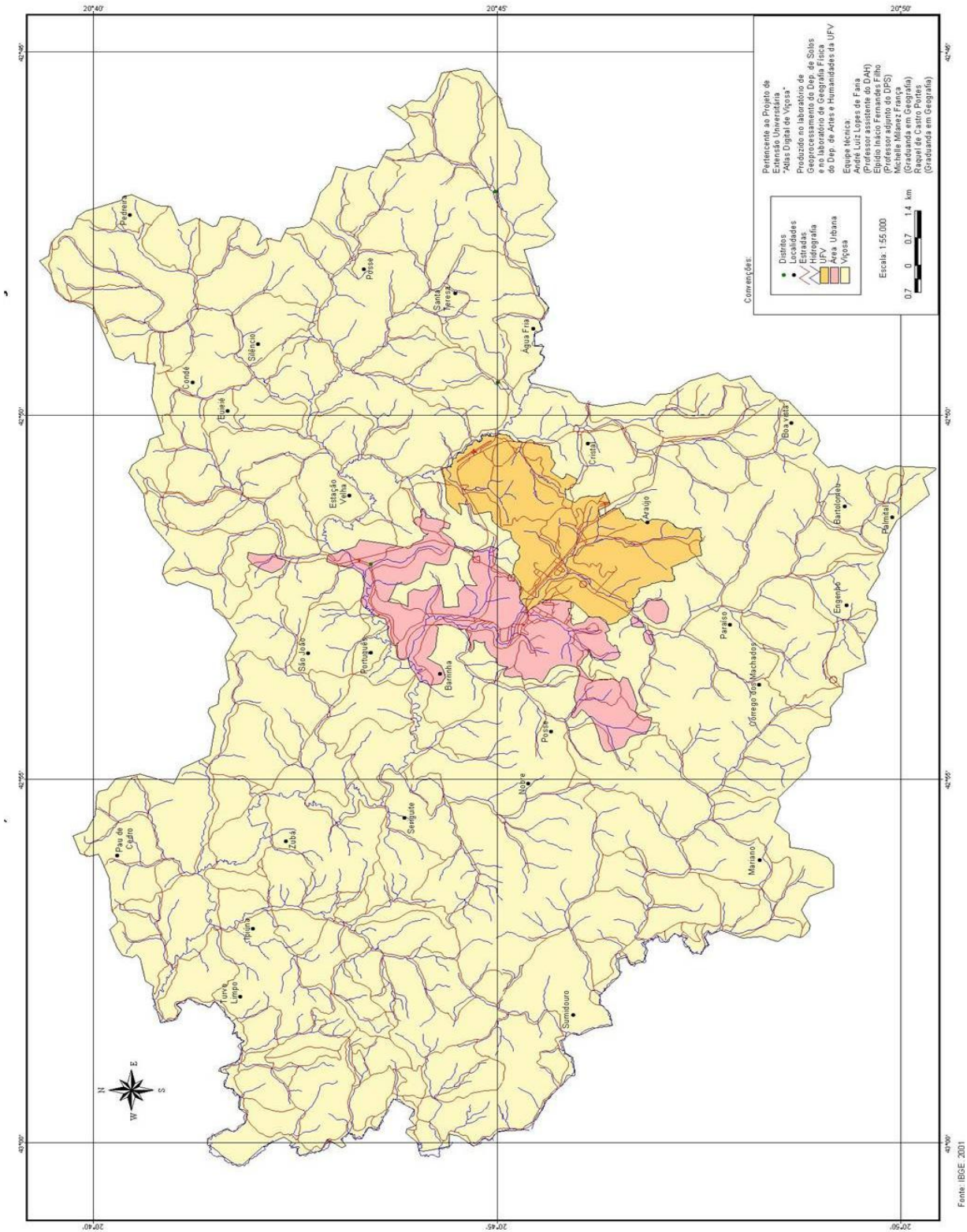


Figura 20 – Mancha Urbana do município de Viçosa e Campus da UFV

Fonte: ZACCHI, 2009, p. 52.

No que diz respeito ao crescimento da cidade de Viçosa, é interessante observar a abordagem de Fernando Antonio Oliveira Mello (2002), para o autor

Entre as décadas de 30 e 60 não houve grandes intervenções urbanas, provavelmente por causa da estagnação econômica em que se encontrava a região. Em contrapartida, com a industrialização dos grandes centros e também do campo, que causou a dispensa de mão-de-obra, ocorreu grande migração para as grandes cidades. (MELLO, 2002, p. 52)

Caixeiro e Ribeiro Filho (2001), apontam que com a ampliação das atividades da Universidade Federal de Viçosa, sobretudo, a partir de sua federalização implementada em 1969, ocorreu na cidade à chegada de um número significativo de pessoas (estudantes, professores, técnicos, funcionários, etc) que somados ao contingente de mão-de-obra em busca de oportunidades de trabalho, influenciaram na constituição de um espaço urbano desordenado e cada vez mais desigual. Sob esta perspectiva, Mello (2002) afirma que,

O desenvolvimento da cidade se processava em razão das oportunidades de emprego oferecidas pela Universidade. Assim como em várias cidades a indústria promoveu o desenvolvimento, em Viçosa a Universidade é que, a princípio, oferecia empregos e dinamizava a economia local. (MELLO, 2002, p. 54)

Prosseguindo sua análise, Mello (2002) explica que, “A década de 60 foi marcada pela consolidação, em termos de urbanização e ocupação de áreas já existentes. As áreas de topografia plana, nos fundos dos vales, foram praticamente ocupadas.” (MELLO, 2002, p. 54). Todavia, “A partir da década de 70, Viçosa vem experimentando um crescimento urbano depredatório como a maioria das demais cidades brasileiras.” (MELLO, 2002, p. 57). Assim também, de acordo com Antunes (2006),

A expansão dos núcleos urbanos das pequenas e médias cidades, decorrente da repulsão ocorrida no campo e dos graves problemas já encontrados nas grandes cidades, impediu que a população de baixa renda, da própria cidade, tivesse acesso aos benefícios urbanos, como moradia adequada em locais próximos ao centro, rede de esgoto, água encanada, escola, serviços de saúde, dentre outros. (ANTUNES, 2006, p. 22)

Deste modo, concretizou-se na cidade um quadro de segregação socioespacial visivelmente notado em diversos bairros de Viçosa, potencializada radicalmente pela urbanização espontânea, desprovida do planejamento adequado, além é claro, de fatores sociais como a diferença na distribuição de renda. Sobre este aspecto, Ribeiro Filho (1997) comenta que,

[...] o processo de urbanização gerou um crescimento econômico significativo, mas acompanhado de desigualdade social, da segregação e da exclusão, expressas na cidade pela precariedade ou inexistência de infra-estrutura urbana, pela proliferação de bairros populares, áreas faveladas e loteamentos clandestinos, pela consolidação dos bairros exclusivos dos segmentos ricos, médios e pobres, pela formação de condomínios horizontais fechados da alta burguesia local, pela pobreza da maioria de sua população, pelo desemprego e pelo emprego informal. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 165)

Assim também, Caixeiro e Ribeiro Filho (2001), assinalam que o processo de urbanização acelerada ocorrido em Viçosa, acirrou os problemas de desigualdade socioespacial. Desta forma, para estes autores a cidade passou a expressar uma lamentável imagem, caracterizada sobremaneira pela marca da exclusão social de parcela significativa da população. Contudo, ainda segundo Caixeiro e Ribeiro Filho (2001), outra parcela da população de maior renda e de menor número, se alocou em bairros e ou condomínios munidos de excelente infra-estrutura e de serviços urbanos (autosegregação), assim como consolidou o centro da cidade como área de negócios.

Outro problema amplamente difundido em Viçosa imbricado com a urbanização rápida e desordenada é a especulação imobiliária. Segundo Zacchi (2009),

Em Viçosa (MG), a valorização imobiliária da área central, sobretudo em decorrência da presença da universidade federal, que é um fixo de importância regional, exerce influência decisiva sobre o preço dos imóveis e das habitações na área central, nas proximidades ao campus principal da Universidade Federal de Viçosa. (ZACCHI, 2009, p. 24)

A referida autora também apresenta dados relevantes quanto ao processo de verticalização pelo qual a cidade vem passando desde a década de 1970 (Tab. 3), quando consolida-se enquanto um município de população predominantemente urbana.

Tabela 3 – Verticalização na área central de Viçosa – 1970/2007

<b>Década</b>	<b>Número de Edificações</b>	<b>Crescimento (%)</b>
1970	9	--
1980	19	111,1
1990	35	84,2
2007	46	31

Fonte: ZACCHI, Raquel Calegario, 2009, p. 67.

Assim, de acordo com Mello (2002), enquanto a população de renda inferior é afastada para áreas periféricas e de baixa qualidade, a outra parcela da população mais abastada consegue se localizar melhor no meio urbano em relação a oferta de emprego, de serviços urbanos, do comércio e aos serviços de modo geral.

No tocante a população, assim como no Brasil, até a década 1960, a população do município era predominantemente rural. O censo demográfico de 1970 contabiliza uma população total de 25.784 habitantes, sendo destes, 17.000 residentes em área urbana e somente 8.784 moradores da zona rural. Já em 1980, o processo de urbanização segue em expansão, uma vez que a população urbana em Viçosa passa para 31.179 habitantes. Na década de 1990, a população urbana aparece representada com 49.320 habitantes, saltando em

2000 para 59.792 habitantes. Comprova-se assim, um vultoso crescimento populacional acompanhado de um amplo processo de urbanização (Tab. 4). Atualmente Viçosa conta com uma população estimada de 74.171 habitantes de acordo com dados do IBGE em 2009, sendo que destes, 68.534 encontram-se residindo em área urbana, o que representa 92,4% da população total do município.

Tabela 4 – Evolução da população urbana do município de Viçosa – MG, 1950-2009

Anos	População Urbana	População Total
1950	6.424	18.325
1960	9.342	21.120
1970	17.000	25.784
1980	31.179	38.686
1990	49.320	55.316
2000	59.792	64.854
2009	68.534	74.171

Fonte: IBGE, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

A cidade conta com um PIB per capita de R\$ 7.257,00 e um IDH de 0,809 (IBGE, 2009) considerados elevados, porém, tais indicadores parecem não refletir a realidade observada, já que muitos problemas econômicos e sócio-espaciais são facilmente notados, principalmente no meio urbano. A economia viçosense é basicamente sustentada pelo setor de serviços e pelo comércio, que são quase absolutamente voltados ao atendimento das demandas da universidade federal, já que o setor agropecuário e a indústria apresentam consideráveis problemas de desenvolvimento. Esta condição influencia diretamente no trabalho, que torna-se mais escasso bem como seletivo, empurrando cada vez mais cidadãos viçosenses para a informalidade. As condições de infra-estrutura urbana na maioria dos bairros são insatisfatórias, dispondo de poucas melhorias significativas, prevalecendo as obras compensatórias e ações paliativas, como por exemplo, as operações “tapa buraco”.

A legislação urbanística do município é frágil na ordenação das questões referentes ao uso do solo, assim como o plano diretor elaborado para o município, que não consegue avanços significativos na área de gestão e planejamento urbano. A situação do transporte na cidade parece caminhar para o estado de caos. A má administração de recursos aliada a degradação política é flagrante, tanto como a debilidade de alguns dos serviços públicos de necessidade fundamental da população. Nesta perspectiva, a urbanização apresenta a sua face mais cruel, acentuando os problemas historicamente já estabelecidos e ocasionando outros da mesma proporção, quiçá de maior complexidade.

## **CAPÍTULO II - O TERCIÁRIO: A ASCENÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS**

### **2 – O Setor de Serviços no Brasil e no Mundo**

Segundo David Harvey “Se houve alguma transformação na economia política do capitalismo do final do século XX, cabe-nos estabelecer quão profunda e fundamental pode ter sido a mudança.” (HARVEY, 1998, p 117). Ainda conforme Harvey (1998) tratam-se de modificações radicais no processo de trabalho, em hábitos de consumo, nas configurações geográficas e geopolíticas, e também nos poderes e práticas do Estado. Este mesmo autor expõe que:

[...] o longo período de expansão de pós-guerra, que se estendeu de 1945 a 1973, teve como base um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico, e de que esse conjunto pode com razão ser chamado de fordista-keynesiano. O colapso desse sistema a partir de 1973 iniciou um período de rápida mudança, de fluidez e de incerteza. (HARVEY, 1998, p. 119)

Neste sentido, as transformações ocorridas na economia mundial, principalmente, a partir da década de 1970, quando evidenciou-se a crise do modelo fordista que já apresentava declínio desde meados da década de 1960, conduziram a uma nova configuração com a reorganização em escala mundial do sistema produtivo, que buscava a recuperação das taxas de lucro que se encontravam queda. David Harvey (1998) nomeia esta transição como a passagem do fordismo para o regime da assim chamada: acumulação flexível, a qual na visão deste autor “[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo.” (HARVEY, 1998, p. 140).

De acordo com Anita Kon (2009),

A mudança do paradigma produtivo do sistema fordista para os sistemas flexíveis de produção e organização nas empresas resultou na dinâmica de rápida elevação da demanda por serviços e tornou também flexível a especialização, desde que os produtores tiveram que adotar estratégias que visavam a obtenção de permanente inovação e adaptação. (KON, 2009, p. 284).

Assim também, analisa Manuel Castells, mencionando que “O sistema de produção em massa ficou muito rígido e dispendioso para as características da nova economia. O sistema produtivo flexível surgiu como uma possível resposta para superar essa rigidez.” (CASTELLS, 1999, p. 176). Para Kon (2009), outro importante aspecto a ser considerado no processo das transformações econômicas espaciais, principalmente no que diz respeito as décadas de 1960 e 1970, foi a descentralização produtiva das atividades industriais, estratégia que ganhou corpo de fenômeno internacional. Porém, “A recessão mundial que se seguiu diminuiu as oportunidades de investimentos e desviou enormes somas de recursos de capital do setor manufatureiro para os serviços financeiros”. (KON, 2009, p. 292)



Não obstante, este recuo drástico das taxas de lucro e acumulação (Fig. 21) obrigou uma resposta hábil do sistema capitalista, que veio na forma da acumulação flexível. Esta por sua vez, segundo Harvey (1998), “Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.” (HARVEY, 1998, p. 140).

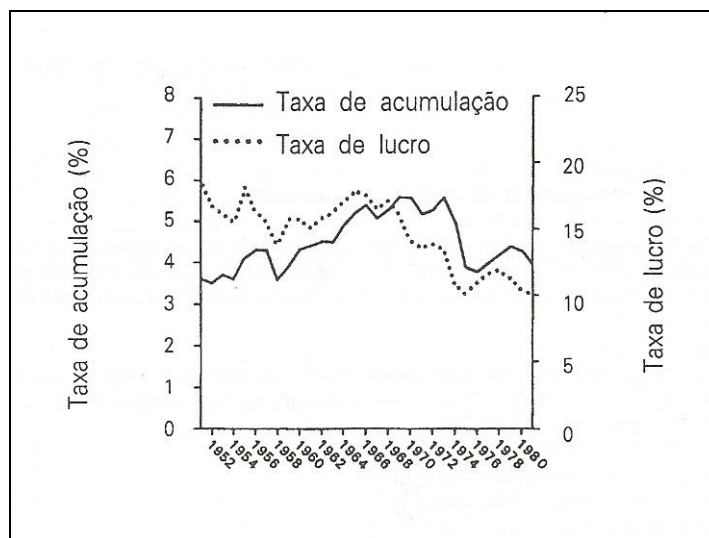


Figura 21 - Recuo das Taxas de lucro e acumulação nos países capitalistas avançados, 1950-1982. Fonte: HARVEY, 1998, p. 137.

Tais mudanças, aliadas à notável financeirização da economia acabaram por impulsionar o aquecimento do setor terciário, que passou dessa forma a ser consideravelmente expressivo quanto à rentabilidade, assim como na geração e absorção de empregos ceifados em outros setores da economia de muitos países. Sobre isto, Kon (2003) sugere que,

Assim, se as atividades terciárias se desenvolvem atendendo a funções intermediárias complementares dos demais setores, sendo seu crescimento dessa forma induzido e em situações diversas se ampliam em decorrência de ali se alocarem o capital e a mão-de-obra excedentes, que não encontram oportunidades nos outros setores. (KON, 2003, p. 15)

Na visão de Manuel Castells (1999) a principal razão para a vultosa expansão que ocorre no setor de serviços, quer seja diretamente em termos de empregos, e indiretamente em termos de seus efeitos sobre o produto, é o desenvolvimento da economia da informação. Sobre este aspecto, Kon (2003) explica que

A "economia da informação" é descrita como uma fase recente (desde a década de oitenta) do desenvolvimento econômico, em que a produção de bens e serviços de informação dominam a criação de riquezas e de empregos, e os computadores e as telecomunicações fornecem potencial tecnológico para a inovação de produtos e processos. (KON, 2003, p. 7)

A mesma autora concordando com Dorothy Riddle (1986) explica que existem outras duas causas da expansão do setor terciário, baseadas em aspectos relacionados a demanda, sendo estas o nível de urbanização e o comércio internacional ou crescimento voltado para a exportação. (KON, 2003, p. 16). Contudo, o desenvolvimento do setor terciário não se dá de forma padronizada nas economias dos países, existem diversas variáveis que influenciam diretamente em seu comportamento e principalmente em sua evolução. No tocante a isto, Kon (2003) expõe que,

O crescimento do setor de serviços e suas implicações sobre a reestruturação das economias, como visto, apresentam diferentes impactos sobre as estruturas produtivas, de acordo com o nível de desenvolvimento econômico das economias e a capacidade de aumentar os investimentos na modernização tecnológica e na qualificação da força de trabalho, a fim de enfrentar as necessidades de novas tarefas técnicas dos processos modernos de produção e organizacionais. (KON, 2003, p. 11)

Neste sentido, este fator acentua de forma significativa as desigualdades já existentes entre as economias dos países, uma vez que para dispor de certos tipos de serviços demasiadamente especializados é necessário contar com um aparato tecnológico moderno, mão-de-obra capacitada e principalmente, um profuso aporte de capital disponível.

Assim como acontece de forma variável de um país para o outro, o desenvolvimento do setor de serviços em uma economia é dependente diretamente de fatores internos ao próprio setor, bem como é também condicionado por uma série de outros aspectos externos, conforme explica Kon (2003),

A evolução do setor Terciário de uma economia está relacionada por um lado, a fatores intrínsecos ao desenvolvimento destas atividades, particularmente no que se refere à demanda por serviços da economia, e que teriam como resposta o reinvestimento, no próprio setor, do excedente operacional gerado. Por outro lado também ao comportamento de fatores exógenos, como: a) volume e velocidade de liberação da mão-de-obra das atividades rurais da região e de outras regiões, que se dirigem às áreas urbanas; b) nível de habilitação da mão-de-obra rural que se dirige à zona urbana; c) a evolução quantitativa e qualitativa das atividades do setor Secundário, que requerem a ampliação e a modernização de serviços complementares; d) capacidade do setor Secundário do país de absorver esta mão-de-obra rural liberada; e) geração de um excedente operacional de outros setores econômicos que deve ser realocado para as atividades de serviços; f) existência de uma infra-estrutura econômica concentrada em uma região, que oferece economias externas para a localização de novas atividades econômicas. (KON, 2003, p. 14)

Nota-se que apesar de ser dependente de diversos fatores ligados aos demais setores, o terciário evoluiu significativamente na produção de riquezas, já que segundo Kon (2003),

Esta ênfase no setor terciário moderno se desenvolveu tendo em vista que em grande parte das economias em fase de desenvolvimento e nas economias avançadas, cerca de 50% dos custos de produção referem-se a insumos de serviços, e acima de 50% do produto gerado e dos empregos envolvidos são relacionados ao setor serviços. Assim, o termo "Economia de Serviços" abre o caminho para a percepção sobre o relevante papel destas atividades na geração de renda e riqueza das economias na modernidade. (KON, 2003, p. 15)

De fato o mundo vem observando ano após ano uma intensa emergência desta chamada “economia de serviços”, neste sentido, visando uma melhor espacialização destas informações, apresenta-se o mapa abaixo desenvolvido pelo Banco Mundial, onde é representada a participação do setor de serviços no Produto Interno Bruto (PIB) dos países para o ano de 1999 (Fig. 22).

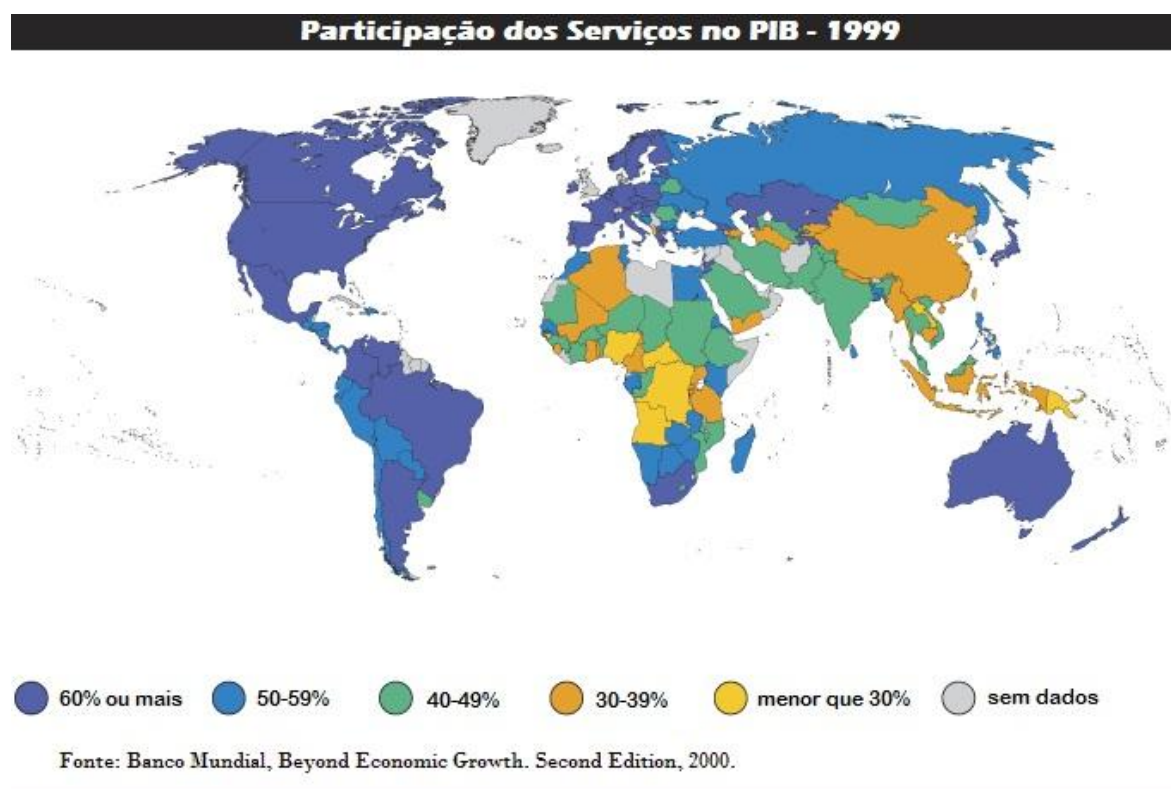


Figura 22 – Participação dos Serviços no PIB, 1999.  
Fonte: Banco Mundial, 2000. *Beyond Economic Growth. Second Edition*.

Excetuando-se algumas regiões do continente africano e asiático, grande parte dos países apresenta uma quota de pelo menos 50% do PIB associados a atividades de serviço, comprovando assim a relevância deste setor na economia moderna mundial. Porém, é importante lembrar que esta é uma tendência iniciada desde a década de 1960, conforme exposto por Meirelles (2008), ao esclarecer que,

Desde meados do século XX, porém, pronunciadamente a partir da segunda metade do século, o setor de serviços iniciou uma trajetória de crescente participação no produto total das economias desenvolvidas, atingindo no final do período, uma participação média de 65% do produto total. Em contrapartida, a indústria ganhou relativa estabilidade, situando-se num patamar entre 20% e 30% de participação. A agricultura, por sua vez, manteve a tendência de queda, inaugurada no século anterior, porém, verificou-se uma estabilização a partir dos anos 80, com uma participação média em torno de 3% do produto total. (MEIRELLES, 2008, p. 7).

Estes valores podem ser vistos no gráfico a seguir, elaborado pelo Banco Mundial, que mostra a estrutura das economias mundiais dividida pelos setores, em 1999 (Fig. 22).

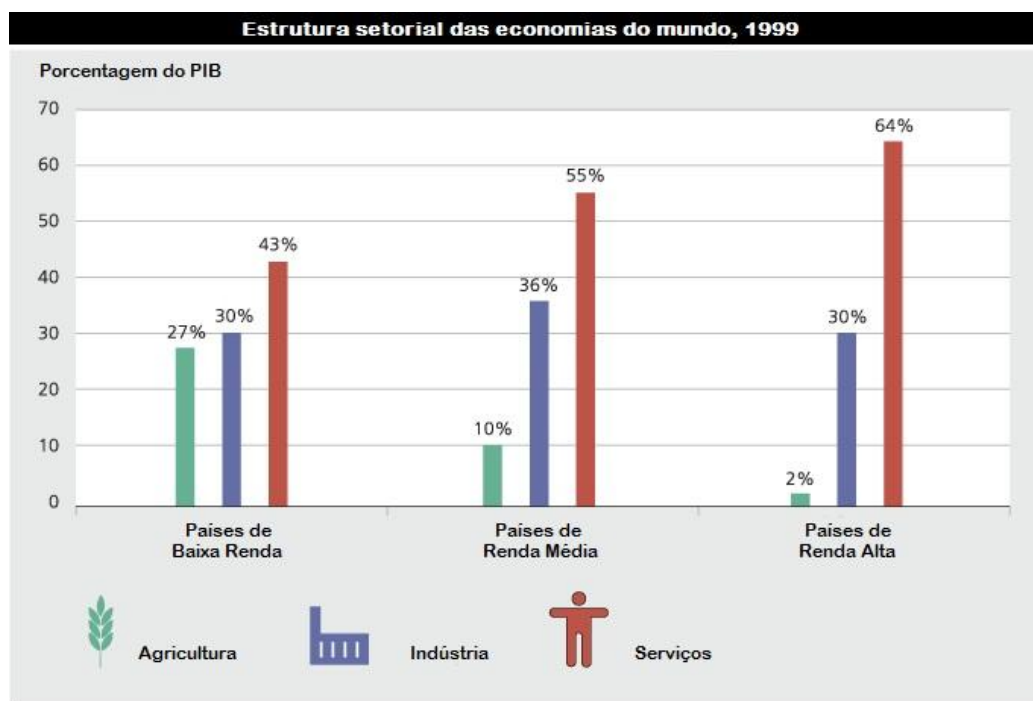


Figura 23 – Estrutura setorial das economias do mundo, 1999.  
 Fonte: Banco Mundial, 2000. Beyond Economic Growth. Second Edition.

Apesar de tornar-se cada vez mais expressivo no contexto da economia mundial, no tocante a teorização e produção científica, o setor de serviços segue ainda insuficientemente analisado. Esta conclusão pode ser evidenciada em Carlos Roberto Azzoni (2005), ao observar que “Em termos do interesse para a pesquisa, comparado com os setores primário e secundário, o terciário é seguramente o menos estudado de todas as atividades econômicas.” (AZZONI, 2005, p. 552). Quando confrontado com o setor manufatureiro, Saskia Sassen (1993) adverte que: “Há muito menos literatura acerca do impacto da economia de serviços.” (SASSEN, 1993, p. 198), constituindo-se desta forma em um desafio para o pesquisador analisar e refletir sobre o tema em questão.

Tendo em vista estas limitações teóricas, verificam-se diversas generalizações na formulação de conceitos relacionados ao setor terciário, ocasionando por esta razão dúvidas que insistem em permanecer, como por exemplo: qual parte da economia se constitui como setor terciário? Qual é a sua abrangência e definição? E principalmente se serviço é o mesmo que comércio. Para Mônica Viegas Andrade (1994):

A definição de setor serviços é uma discussão que se encontra em bases precárias na literatura. Inicialmente esse setor foi tratado como uma categoria residual – por exclusão, todas aquelas atividades que não se enquadrassem na classificação dos setores primário e secundário eram consideradas atividades do terciário. O setor de serviços se caracteriza, principalmente, pela heterogeneidade de suas atividades, o que torna difícil uma delimitação metodológica objetiva. As principais tentativas de elaboração de uma conceituação mais rigorosa assentam-se sobre a dicotomia bens e serviços, muito embora o significado econômico dessa relação não seja algo evidente. (ANDRADE, 1994 p. 5)

Segundo a mesma autora, “O termo ‘serviços’ foi utilizado, pela primeira vez, por Fisher (1952) que designou como setor de serviços aquelas atividades econômicas que se caracterizavam por não serem produtoras de bens materiais.” (ANDRADE, 1994, p. 5). Contudo, ainda segundo Andrade (1994), somente em Hill (1977), que a conceituação dos serviços se tornou mais universal e mais rigorosa. Nesta perspectiva,

Uma caracterização mais detalhada foi feita por Riddle (1986). [...] A autora define os serviços como atividades econômicas que provêem utilidades de tempo, lugar forma ao causarem uma mudança no ou para o usuário do serviço. (ANDRADE, 1994 p. 6).

Para Dimaria Silva e Meirelles (2008) por sua vez, “[...] serviço é constitutivo, real ou potencial, presente em todos os processos econômicos ao longo da evolução econômica, porque é realização de trabalho.” (MEIRELLES, 2008, p. 24). Assim, para a referida autora “Serviço é trabalho ‘vivo’, é trabalho em processo. [...] Sendo trabalho em processo, os serviços são em essência geradores de valor. Se não há realização de trabalho, não há serviço e, portanto, não há geração de valor (MEIRELLES, 2008, p. 24). Neste ponto reside a diferença elementar entre serviço e comércio, uma vez que o primeiro caracteriza-se pela produção de trabalho, enquanto o outro tem sua essência na troca de mercadorias.

Na abordagem de Alain Lipietz (1998) por sua vez, no estágio inicial de desenvolvimento econômico o setor principal seria o primário, passando ao estágio intermediário onde o setor principal seria o secundário, e por fim no estágio final de desenvolvimento, o setor terciário ocuparia posição superior. Este estágio seria o resultado direto do desenvolvimento tecnológico, que por sua vez, numa visão idílica, livraria o homem do desgaste do trabalho manual da era industrial e de suas desigualdades. Instalar-se-ia dessa forma a era das “atividades inteligentes e igualizadoras: os serviços” (LIPIETZ, 1988).

Quanto à classificação das atividades de serviços, Andrade (1994), sugere que:

Uma proposta de classificação relevante e internacionalmente utilizada na literatura foi elaborada por Browning e Singelmann (1978). Os autores dividem as atividades terciárias em quatro grupos distintos, de acordo com a orientação da demanda dos serviços: serviços distributivos (demandado pelas empresas posteriormente ao processo produtivo); serviços produtivos (demandado pelas empresas durante o processo produtivo, são por natureza produtos intermediários); serviços pessoais (demanda individual); serviços sociais (demanda coletiva). (ANDRADE, 1994, p. 7)

Esta classificação dos serviços citada por Andrade (1994) parece ter influenciado também na divisão proposta pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Visando facilitar seu entendimento, propõem-se o quadro abaixo, referente aos tipos de serviço em razão de sua demanda principal, dos subgrupos de serviço e também dos prestadores (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipos de atividades de serviços em razão da demanda, subgrupos e prestadores

<b>Tipos</b>	<b>Demanda Principal</b>	<b>Subgrupos</b>	<b>Prestadores</b>
SERVIÇOS PRODUTIVOS	Estes serviços são demandados principalmente pela indústria no processo de produção, mas também por alguns consumidores	Serviços profissionais e de negócios; Serviços financeiros; Serviços imobiliários; Serviços de seguros.	Empresas individuais prestadoras de serviços, ou inseridos na própria corporação industrial.
SERVIÇOS DISTRIBUTIVOS	Estes serviços são demandados, sobretudo, pela indústria na pós produção (distribuição e comercialização)	Comércio varejista; Comércio atacadista; Serviços de transporte; Comunicações; Serviços auxiliares	Empresas de transporte de mercadorias, informação, e comunicação principalmente.
SERVIÇOS SOCIAIS	Estes serviços apresentam principalmente grande demanda coletiva (serviços públicos básicos não comercializáveis)	Serviços públicos; Serviços de saúde; Serviços de educação; Serviços sociais diversos	Administração pública e também empresas particulares atuantes nestes setores.
SERVIÇOS PESSOAIS E DOMICILIARES	Estes serviços apresentam principalmente demanda individual	Hotéis, bares e restaurantes; Recreação e diversão; Serviços domésticos; Serviços de reparo; Serviços pessoais diversos	Empresas terceirizadas, empreendedores e população em geral.

Fonte: Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), 2009

Visto isto, nota-se o porquê da grande dificuldade em se estabelecer um conceito rígido acerca do setor de serviços. A heterogeneidade das atividades pertencentes a este setor da economia, é sua principal característica, e por conseguinte, está na base de seu crescimento em relação ao setor primário e secundário. No entanto, é importante lembrar que “[...] há indícios de que esse importante e crescente setor tem ajudado a promover a desigualdade regional no Brasil nos últimos tempos.” (AZZONI, 2005, p. 552)

Sobre isto, Sassen (1993) coloca que os “Serviços avançados são na maioria das vezes serviços prestados ao produtor; ao contrário de outros tipos de serviços, eles não dependem das adjacências para servir aos consumidores.” (SASSEN, 1993, p. 195). E são exatamente estes serviços avançados que respondem pelo maior crescimento econômico dentro do setor terciário. Azzoni (2005) comenta que o ramo moderno do setor de serviços “[...] requer mão de obra mais qualificada para o trabalho, o que dificulta seu desenvolvimento muito rápido nas regiões mais pobres, [...] verifica-se que seu desenvolvimento ocorre primeiro nas regiões mais ricas.” (AZZONI, 2005, p. 552).

Neste sentido, as atividades de serviço tendem a se concentrar cada vez mais nos locais que apresentem as condições de especialização ideais para sua reprodução. Nota-se desta forma, para o setor terciário um comportamento distinto do observado na produção industrial, que experimenta de certo modo um processo de desconcentração. A própria

natureza dos serviços está diretamente imbricada aos centros urbanos, quer seja pela intensa necessidade de mão-de-obra especializada, pelos fatores locacionais favoráveis, pelo suporte técnico indispensável, pela maior fluidez informacional no território, ou simplesmente pela busca de maiores demandas de consumo.

No que diz respeito ao setor terciário nacional para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o setor de serviços engloba uma diversificada gama de atividades, dentre as quais se encontram: alojamento e alimentação, reparação e instalação, transportes, correios e telecomunicações, manutenção, serviços de higiene e estética pessoal, serviços prestados a empresas, radiodifusão, atividades de informática, corretagem e administração de imóveis e serviços auxiliares diversos.

Nesta perspectiva, Rinaldo Aparecido Galete (2006) sugere que por dispor de tamanha diversidade e complexidade é conveniente dividir o setor de serviços em 1) serviços produtivos, que são aqueles prestados especialmente às indústrias, tendo participação no processo de produção, por exemplo, serviços financeiros e de consultoria. 2) serviços de distribuição, que também são prestados ao setor industrial, mas sem participação direta no processo produtivo, como exemplo, os serviços de transporte e comércio atacadista. 3) serviços sociais, que são caracterizados por grande demanda coletiva e por serem oferecidos também pelo poder público, como o caso dos serviços de saúde e educacionais. 4) serviços pessoais e domiciliares, que são aqueles que atendem as demandas individuais, como hotéis, restaurantes e serviços de reparo. (GALETE, 2006, p. 13-15).

Acompanhando a tendência mundial de crescimento, a economia de serviços no Brasil tem se tornado cada vez mais proeminente em relação à produção industrial e agrícola. De acordo com Hildete Pereira de Melo *et al.* (1998) “O Brasil tornou-se, nas últimas décadas, uma economia na qual o setor Serviços representa quase dois terços do emprego urbano metropolitano e responde por mais da metade do PIB.” (MELO, *et al.*, 1998, p. 1). Não obstante, a Pesquisa Anual de Serviços (PAS), desenvolvida pelo IBGE desde 1998, a fim de traçar o perfil das atividades de serviços desenvolvidas no país, vem demonstrando substancial progresso no número de estabelecimentos, renda, empregos, divisas e participação no Produto Interno Bruto brasileiro.

Contudo, é necessário lembrar que este crescimento apesar de ter caráter extremamente benéfico para a macroeconomia do Brasil, por outro lado tem acentuado ainda mais as disparidades regionais e intra-regionais historicamente existentes. De acordo com os dados da PAS para o ano de 2002, a Região Sudeste concentra cerca de 66,9% da receita bruta advinda de serviços no Brasil, seguida distantemente pela Região Sul com 14,4%. Ou seja, a

denominada por Milton Santos de “região concentrada”, verdadeiramente exerce cada vez mais sua soberania sobre as demais regiões do país menos desenvolvidas economicamente.

Assim também, nota-se no contexto nacional assim como observado no mundo, uma grande expressividade do setor de serviços no que se refere a absorção de mão-de-obra, constituindo-se assim enquanto setor mais expressivo da economia quanto ao percentual de empregos, como pode ser visto abaixo (Tab. 5).

Tabela 5 - População ocupada por ramo de atividade econômica da ocupação principal – 1999

Brasil e Grandes Regiões	Percentual (%)			
	Agrícola	Indústria*	Comercio	Serviços**
Brasil <sup>(1)</sup>	24,2	19,3	13,4	41,2
Norte <sup>(2)</sup>	12,3	17,0	20,1	49,0
Nordeste	40,7	13,6	12,4	32,1
Sudeste	13,4	23,0	14,0	47,2
Sul	26,4	22,4	12,0	37,5
Centro-Oeste	22,8	15,2	14,1	46,2

(1) Exclusive a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

(2) Exclusive a população rural.

\* O ramo da indústria inclui: Indústria de transformação; Indústria da construção e outras atividades industriais.

\*\* O ramo de serviços inclui as seguintes atividades: Prestação de serviços; Serviços sociais; Administração pública e outras atividades.

Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

Sendo o setor terciário aquele que mais cresce na economia nacional, e sendo sua distribuição tão desigual no Brasil, não parece um equívoco pensar que somente uma parte privilegiada do país, o Centro-Sul, cresce no ritmo da economia de serviços, em detrimento das demais regiões. Neste sentido, Castells (1999) comenta que: “A nova economia afeta a tudo e a todos, mas é inclusiva e exclusiva ao mesmo tempo, os limites da inclusão variam em todas as sociedades, dependendo das instituições, das políticas e dos regulamentos” (CASTELLS, 1999, p. 203). Em última análise é possível crer que estas desigualdades acirram a lamentável condição brasileira de figurar entre os países que apresentam maior concentração de renda no mundo, ainda que nos últimos anos tenham se criado políticas de distribuição de renda e inclusão social para os segmentos mais humildes da sociedade.

Como visto, no Brasil a tendência ao processo de “terciarização” da economia também é crescente como na maioria dos países, mas apesar de alcançar tamanha expressividade na economia global, a formação e o desenvolvimento dos serviços, bem como sua distribuição ainda carecem de mais aporte de teorização científica.



## CAPÍTULO III – O SETOR DE SERVIÇOS EM VIÇOSA – MG.

### 3.1 – Caracterização do Setor Terciário de Viçosa – MG.

O município de Viçosa encontra-se localizado na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. A área da unidade territorial é de aproximadamente 300,15 Km<sup>2</sup> e sua população total estimada é de aproximadamente 74.171 habitantes, sendo destes a maioria predominantemente urbana, conforme dados do IBGE para o ano de 2009. Trata-se, portanto, de uma cidade considerada de porte médio. A agricultura e a pecuária, historicamente se constituíram como as principais atividades econômicas do município, que ainda conta com um setor industrial bastante incipiente. Não obstante, o mesmo não pode ser dito do setor de serviços, que tem crescido significativamente, chegando a responder por mais de 70% do PIB de Viçosa (Tab. 6), somando o valor de 396.361 mil reais.

Tabela 6 - Produto Interno Bruto (R\$ mil) de Viçosa – MG.

ANO	AGROPECUÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1998	7.837	55.592	134.210	197.639
1999	8.201	65.273	131.289	204.763
2000	7.871	62.543	145.262	215.676
2001	7.532	62.142	161.371	231.045
2002	9.699	73.992	178.035	261.726
2007	15.141	61.560	396.361	510.890

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP).  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2009.

Este crescimento observado no setor terciário da economia viçosense, não reflete um acontecimento meramente local, mas está relacionado às transformações ocorridas nas bases de produção do sistema capitalista. A substituição do padrão de produção rígido pelo regime de “acumulação flexível”, e o surgimento de novas tecnologias, principalmente de informação, são fatores fundamentais que impulsionaram o desenvolvimento da nova economia globalizada, que tem como núcleo de crescimento as atividades relacionadas ao setor de serviços, notadamente àquelas que possuem maior grau de especialização.

É necessário dizer, no entanto, que para o caso de Viçosa, estas atividades de serviço densamente especializadas, encontram-se circunscritas apenas à esfera da Universidade Federal de Viçosa, que está instalada no município, e que produz ciência e tecnologia nacionalmente reconhecida. Sendo, portanto, a realidade do restante do município bastante distinta da “ilha de prosperidade” que nele se localiza. As carências infra-estruturais do meio urbano são visivelmente expostas mesmo na área central e nos bairros considerados mais

nobres. Por fim, em relação aos serviços existentes na cidade, há predominância dos chamados serviços pessoais e domiciliares, como hotéis, restaurantes, copiadoras, cursos de idiomas, apresentando um número considerável também dos serviços tradicionais, de manutenção e instalação, reparos técnicos e outros. Assim, as atividades de serviço respondem por grande parte da mão-de-obra ocupada do município (Tab. 7), uma vez que a indústria e o setor agropecuário têm atuação bastante discreta.

Tabela 7 - População ocupada por Setores Econômicos, 2000

<b>SETORES</b>	<b>Nº. DE PESSOAS</b>
Agropecuário, extração vegetal e pesca	2.898
Industrial	4.506
Comércio de Mercadorias	4.319
Serviços	15.130
Total	26.853

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2000.

Os serviços públicos como hospitais e escolas desfrutam de certo desenvolvimento em relação aos municípios vizinhos, e por isso são amplamente utilizados pelos habitantes não apenas do município (e por isso sobrecarregados), mas também pelas populações advindas de cidades vizinhas de porte menor. Agências bancárias, cartórios, financeiras, consultórios e escritórios também operam na mesma situação. Os colégios e cursos pré-vestibulares merecem um destaque maior, já que gozam de excelente qualidade e reputação, e por essa razão são também motivo de atração de estudantes de várias regiões do Brasil, que chegam a cidade inspirados pelo sonho de alcançar uma vaga no ensino público superior oferecido pela UFV. Por essa razão a cidade é conhecida pela alcunha de “Cidade Educadora”.

Sob uma reflexão mais criteriosa, é possível afirmar que o setor de serviços da cidade de Viçosa, mobiliza suas estratégias exatamente para o atendimento destes estudantes que chegam em busca de uma vaga na universidade, e principalmente, daqueles que já a conseguiram. Neste sentido, quanto à territorialização, a distribuição espacial dos serviços na cidade de Viçosa tem se dado de forma concentrada, desigual e excludente, a exemplo do que tem acontecido no país e também em escala regional. Observa-se muito claramente no município a concentração das atividades de serviço em alguns pontos exclusivos do centro da cidade, sobretudo nas vias de fluxo da Universidade Federal de Viçosa, em detrimento da grande maioria dos bairros residenciais, ainda que estes não estejam consideravelmente distantes do Centro da cidade e do campus universitário. Contudo, esta concentração

diferenciada das atividades de serviço, certamente tem gerado problemas, quer seja de ordem econômica ou mesmo social, de modo mais marcante para a população das áreas urbanas periféricas e mais afastadas.

Excetuando-se setores como a Rodovia Marechal Castelo Branco e também a Rua Arthur Bernardes (conhecida popularmente como Calçadão), não há um ordenamento específico quanto ao agrupamento das atividades de serviço, já que em sua maioria a distribuição acontece aleatoriamente. Apenas nestes pontos citados, as atividades afins se agrupam por tipos de serviço oferecidos. Na Rua Arthur Bernardes e proximidades, predominam as agências de banco, cartórios e lojas diversificadas, e na Rodovia Marechal Castelo Branco, que apresenta ao longo de grande parte do seu trajeto praticamente um pólo de serviço automotivo e outras atividades de complementação deste tipo de serviço.

Visto isto, por não existir por parte da administração pública municipal uma política de planejamento e sistematização, a distribuição do setor de serviços na cidade apresenta natureza espontânea e desordenada, potencializando cada vez mais os problemas urbanos já mencionados anteriormente. Quando analisada apenas pela presença da universidade, a organização dos serviços apresenta certa coerência. Prioriza-se o fluxo quantitativo de pessoas nas áreas próximas ao centro e nas principais vias de acesso ao campus, principalmente durante o período diurno, e se relega o atendimento das demandas da população dos bairros e distritos mais afastados.

Neste sentido, foram escolhidos para constituir amostra desta pesquisa, dois bairros mais afastados, sendo estes: Nova Era e Nova Viçosa, para efeito comparativo da distribuição territorial dos serviços com o setor da Avenida P.H. Rolfs, incluindo o campus universitário, e também o bairro de Lourdes, próximo ao centro. Para se ter melhor clareza da abrangência (estimada) dos processos aqui discutidos e analisados, apresenta-se os índices referentes a população nos pontos amostrados do município de Viçosa (Tab. 8).

Tabela 8 - População urbana por gênero na área amostrada. Viçosa – MG, 2009

<b>Bairro</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>	<b>% População</b>
Centro	4.631	5.545	10.176	15,52
Lourdes	1.904	2.374	4.278	6,52
Nova Era	2.298	2.797	5.095	7,77
Nova Viçosa	2.102	2.649	4.751	7,25
Total	10.935	13.365	24.300	37,06

Fonte: CENSUS, Retrato Social de Viçosa III, 2010, p. 33.

Assim também, visando uma melhor caracterização do setor de serviços em Viçosa, apresentam-se a tabela a seguir, com dados referentes às empresas urbanas atuantes na cidade de Viçosa, até o ano de 2003 (Tab. 9). Comprovando-se através destes números a predominância do setor de serviços e do comércio como principais atividades econômicas estabelecidas no município.

Tabela 9 – Empresas urbanas atuantes em Viçosa – MG, 2003

<b>Empresas urbanas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Indústria	122	5,27
Comércio	1.166	50,35
Serviços	927	40,03
Atividades não empresariais	101	4,36
<b>Total</b>	<b>2.316</b>	<b>100</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Viçosa, 2010.

Assim também, são demonstrados os índices de formalidade e informalidade das empresas urbanas em Viçosa até o ano de 2003 (Tab. 10), notando que as empresas de serviço apresentaram porcentagem maior de informalidade em relação aos demais setores.

Tabela 10 – Formalidade x Informalidade das empresas urbanas, em Viçosa – MG, 2003

<b>Empresas urbanas – Formalidade x Informalidade</b>	<b>Formal %</b>	<b>Informal %</b>
Indústria	74,04	25,96
Comércio	68,19	31,81
Serviços	58,86	43,14
<b>Total</b>	<b>64,23</b>	<b>35,77</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Viçosa, 2010.

Por fim, a especificação das empresas de serviço atuantes em Viçosa por tipo de atividade desenvolvida, até o ano de 2003 (Tab. 11).

Tabela 11 – Empresas prestadoras de serviços em Viçosa – MG, 2003

<b>Prestação de Serviço em Viçosa</b>	<b>Qtde</b>	<b>%</b>
Atividades culturais, recreativas e desportivas	22	2,8
Atividades de atenção a saúde	212	22,87
Atividades educacionais	81	8,74
Atividades físico corporais e tratamento de beleza	136	14,67
Serviços de Hotelaria	10	1,08
Serviços relacionados com a construção civil	39	4,21
Manutenção e reparo de objetos pessoais, domésticos e eletrônicos	78	8,41
Manutenção e reparo de veículos	141	15,21
Serviços contábeis, jurídicos, publicitários e outros prestados a empresas	73	7,87
Serviços de reprografia e fotografia	24	2,59
Bancos, seguros e loterias	36	3,88
Serviços diversos	71	7,66
<b>Total</b>	<b>927</b>	<b>100</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Viçosa, 2010.

### 3.2 – O Problema da distribuição territorial desigual

Evidentemente que os fatores locacionais contribuem sobremaneira na distribuição territorial dos empreendimentos de serviço em qualquer lugar, não sendo diferente com o caso da cidade de Viçosa. Assim, a proximidade com o mercado consumidor, e a localização junto as principais vias de fluxo e infra-estruturas urbanas disponibilizadas, influenciam substancialmente na territorialização dos serviços nesta cidade. Acontece que esta dinâmica de concentração traz a reboque problemas de diversas ordens, como por exemplo, congestionamentos do trânsito, especulação imobiliária desenfreada, proliferação das ocupações irregulares na área central, dificuldade de acesso aos serviços para os moradores de áreas periféricas, entre muitos outros de natureza sócio-econômica.

Acentua-se também a verticalização na área central uma tendência amplamente notada no espaço urbano viçosense, sobretudo, a partir da década de 1970. Sobre isto Almeida (2006) comenta que:

A verticalização no centro urbano de Viçosa é um processo intenso que tende a derrubar antigas estruturas e modificar o espaço rapidamente, dando ares de modernização com seus altos edifícios, e trazendo, por outro lado, o congestionamento das vias e problemas relacionados à capacidade de suporte dos sistemas de abastecimento em geral. (ALMEIDA, 2006, p. 27)

O espraiamento das atividades de serviço para outras áreas que não o centro, possibilitaria entre outras coisas, uma maior integração intra-municipal, o que levaria ao menos em hipótese a dinamização da economia viçosense. Por contar com um setor industrial pouco expressivo, a economia do município depende em grande parte dos resultados do setor terciário, que da mesma forma é o setor que abarca a maioria dos empregos na cidade. Recentemente a iniciativa da administração municipal em transferir o fórum para uma área diferenciada do centro, tem gerado bons resultados com o aparecimento de estabelecimentos de serviço e de comércio nas proximidades do bairro Bom Jesus. Processo semelhante tem ocorrido nos bairros de Silvestre e João Braz após a instalação de instituições de ensino superior particulares, que exercem papel polarizador das atividades complementares que para estes bairros se dirigem.

A lógica de distribuição concentrada apesar de cruel parece ser realmente necessária para a sobrevivência de certas atividades no que diz respeito aos serviços privados. Contudo, o que não deve ocorrer é que esta lógica se estenda aos serviços de caráter público, uma vez que estes por sua natureza devem possuir distribuição e principalmente acesso democrático a todas as parcelas da população, não apenas sobre o aspecto quantitativo, mas também qualitativo. Neste sentido, nos bairros mais distantes do centro e nos distritos, apesar de

contarem com um relativo bom atendimento de alguns serviços públicos, quase sempre se observa insuficiência na oferta de serviços mais elaborados, sendo apenas encontrados estabelecimentos de comércio, como por exemplo, mercadinhos e padarias, armazéns e material de construção.

Uma distribuição menos concentrada dos serviços pode ser encontrada em algumas cidades médias brasileiras, sejam estas de maior ou menor porte que Viçosa. Tais cidades apresentam organização em “multicentralidades”, onde há um espalhamento territorial mais equilibrado das atividades de comércio e de serviços, e conseqüentemente, a democratização do seu uso pela população demandante. No entanto, é forçoso lembrar novamente que os graves problemas de planejamento urbano e mesmo infra-estruturais que o município de Viçosa apresenta em seu território, de certo modo inibe a extensão do raio das atividades de serviço, prejudicando diretamente partes da população.

Há muito pouco investimento no meio urbano, principalmente em razão da arrecadação deficitária por parte da administração municipal, assim sendo, este quadro se agrava cada vez mais com o aumento significativo da população flutuante que chega ao município em razão da expansão das atividades da universidade. Neste sentido,

Ocorre, então que, a cada ano, com seu natural crescimento, a demanda por serviços se intensifica. São pessoas com alta escolaridade e naturalmente com exigências de qualidade de vida bastante acima da média. Como a atividade educacional não gera tributos diretamente, o município tem enormes dificuldades em cumprir o seu papel de prover uma boa infra-estrutura de serviços no nível das exigências desta população. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA, 2010).

Apesar de mostrar-se deficitária, a distribuição e oferta dos serviços públicos (não comercializáveis) em Viçosa, não apresentou índices de desigualdade consideráveis quantitativamente nas áreas amostradas. Não obstante, a distribuição dos estabelecimentos de saúde e educação, principalmente, apesar da diferença qualitativa existente, apresentou números bastante favoráveis às áreas de menor renda analisadas, o que certamente constituiu um resultado surpreendente.

No entanto, ainda sim é possível estabelecer uma estreita relação entre a distribuição territorial dos serviços em Viçosa, com os indicadores de renda observados no município, principalmente no tocante aos serviços que possuem maior nível de especialização. Desta forma, enquanto uma parcela da população, notadamente a de renda mais modesta, tem pouco ou nenhum acesso a certos tipos de serviço, “Por outro lado a parcela da população de maior poder aquisitivo procura melhor se localizar na estrutura da cidade em relação ao emprego, às ofertas de serviços urbanos, ao comércio e aos serviços em geral, como cultura e lazer.” (MELLO, 2002, p. 57). Assim, apresenta-se no mapa a seguir a relação estabelecida entre os

diferentes níveis de renda da cidade de Viçosa (Fig. 24), com os serviços financeiros de pontos de saque (agências bancárias, caixas eletrônicos e outros), assinalando uma considerável concentração destes serviços nas áreas de renda mais elevada.

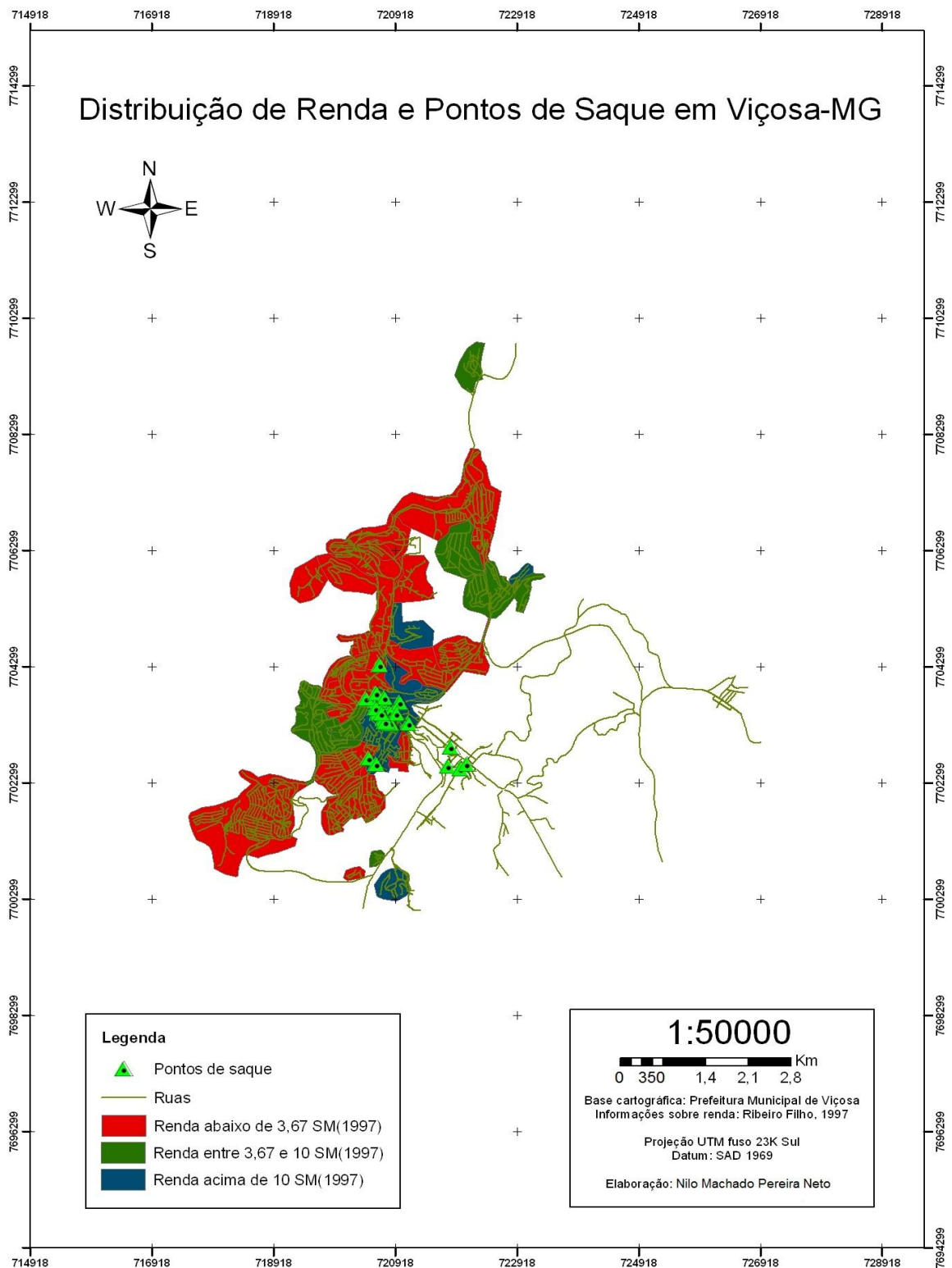


Figura 24 – Mapa da Distribuição de Renda e Pontos de Saque, em Viçosa – MG.  
Fonte: Nilo M. Pereira Neto, 2009.

Assim também, para melhor demonstrar a distribuição dos serviços em Viçosa, apresentam-se alguns gráficos com informações colhidas na área amostrada. Para efeito de comparação, agrupou-se os bairros e setores analisados em dois grupos distintos, nomeados por Grupo 1: Bairro de Lourdes e o Setor da Av. P.H. Rolfs, incluindo o campus da UFV. Já o Grupo 2: Bairro Nova Era e Nova Viçosa. Quanto à distribuição das escolas estaduais e municipais na área amostrada (Fig. 25), notou-se a existência de maior número destes estabelecimentos na área do Grupo 2 (menor renda).

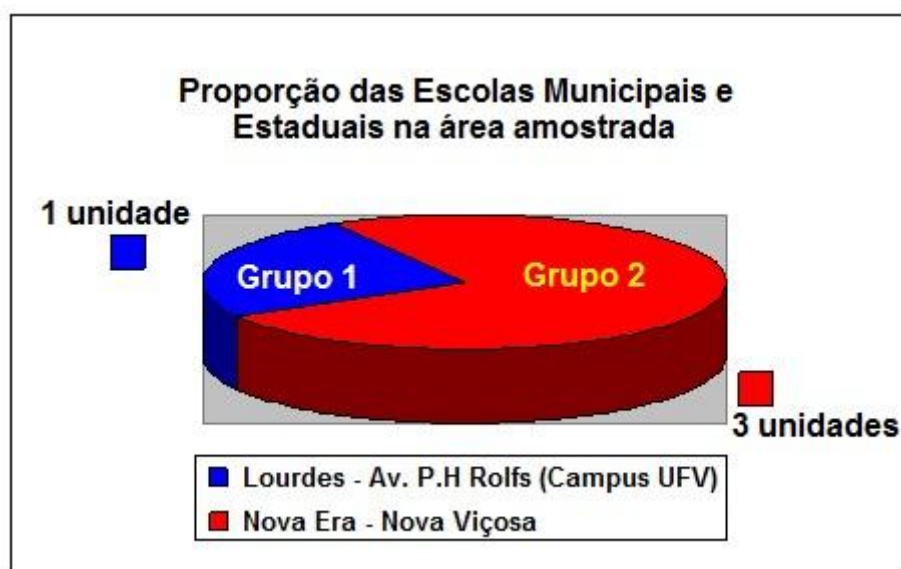


Figura 25 – Proporção das Escolas Estaduais e Municipais na área amostrada.

Assim também ocorreu quanto à distribuição dos estabelecimentos de saúde (Fig. 26), já que o Grupo 2 apresentou em sua área número superior ao Grupo 1.

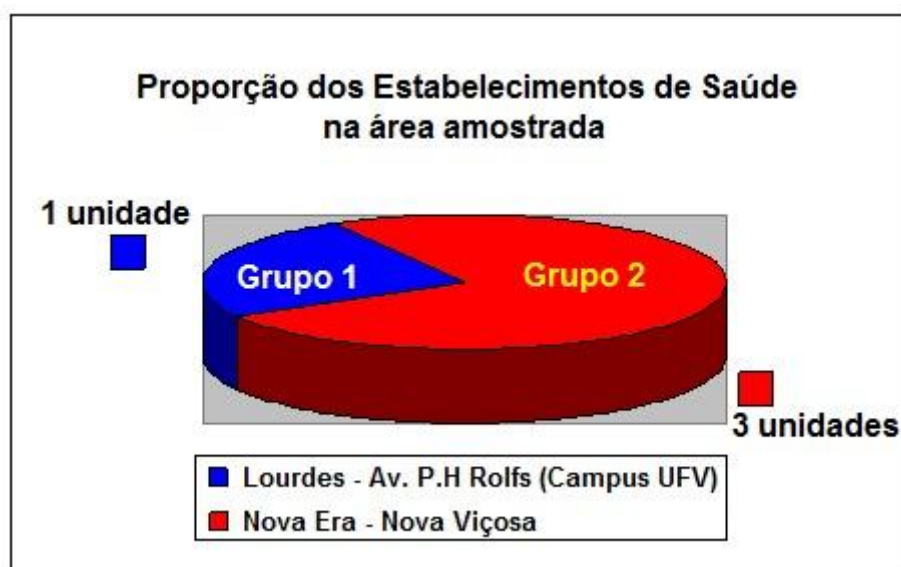


Figura 26 – Proporção dos Estabelecimentos de Saúde na área amostrada.



Como visto, para certos serviços públicos (não comercializáveis), ocorreu de certa maneira uma distribuição territorial mais democrática, prevalecendo o Grupo 2 em relação ao Grupo 1. Contudo, ao analisar a distribuição de certos serviços diretamente associados aos indicadores de renda, notamos uma inversão considerável no quadro de sua distribuição. Assim, para os serviços financeiros (Fig. 27), por exemplo, observou-se uma diferença significativa em favor do Grupo 1 (P.H. Rolfs, UFV e Lourdes).

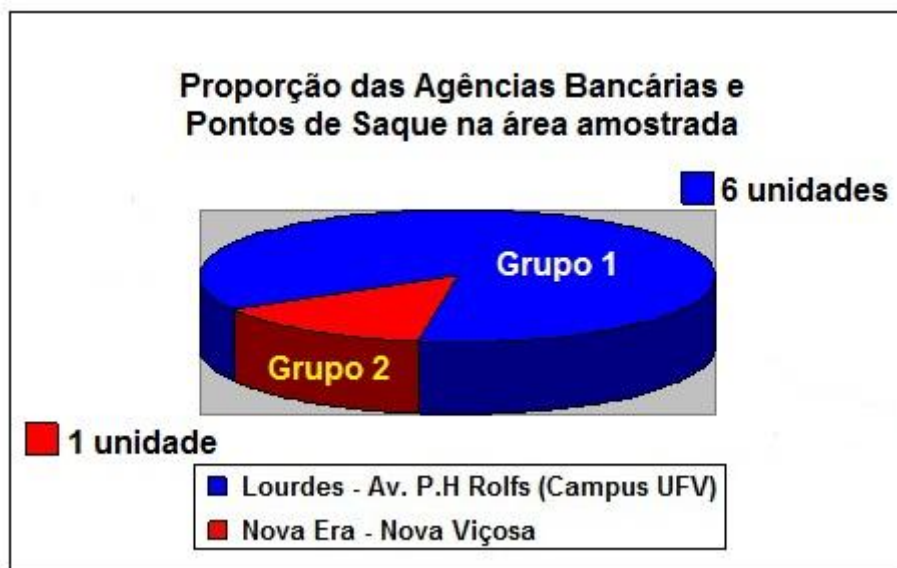


Figura 27 – Proporção das Agências Bancárias e Pontos de Saque na área amostrada.

Do mesmo modo, quando comparada a distribuição de serviços relacionados à cultura e ao lazer (Fig. 28), observa-se a predominância absoluta na área do Grupo 1 (renda mais elevada), evidenciando desta forma a condição de segregação sócio-espacial.



Figura 28 – Proporção dos Estabelecimentos de Lazer e Cultura.

Neste sentido, nota-se assim que os bairros Nova Era e Nova Viçosa, bem como outras áreas da cidade, também sofrem além da condição de segregação sócio-espacial, profunda carência infra-estrutural, e de políticas eficazes de planejamento urbano, contrastando significativamente com o padrão observado nas vias de fluxo da Universidade Federal, e bairros adjuntos a área central da cidade. Para melhor demonstrar esta situação, apresentam-se algumas fotografias para fins de comparação qualitativa entre as áreas amostradas, partindo da disposição dos serviços na Av. P.H Rolfs (Fig. 29), no centro.



Figura 29 – Serviços e Comércio na Av. P.H Rolfs.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2008.

Abaixo por sua vez é mostrada a praça central do bairro de Nova Viçosa (Fig. 30).



Figura 30 – Serviços e Comércio na Praça Central de Nova Viçosa.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2010.

Outra demonstração da desigualdade tanto no aspecto quantitativo, quanto do ponto de vista qualitativo na distribuição territorial dos empreendimentos de serviço em Viçosa pode ser visto no bairro Nova Era (Fig. 31), que fica apenas a quinze minutos do centro.



Figura 31 – Serviço de Hotel no bairro Nova Era.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2008.

Abaixo também um hotel, mas este por sua vez alocado na principal via de fluxo para Universidade Federal de Viçosa (Fig. 32). Diferenças significativas podem ser notadas.



Figura 32 – Serviço de Hotel na Av. P.H. Rolfs.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2008.



Mesmo contando com um número mais expressivo na distribuição territorial dos estabelecimentos educacionais, a diferença entre as áreas amostradas é facilmente observada. Assim, mostra-se o Colégio Universitário (Fig. 33), que funciona dentro do campus da UFV e é referência de qualidade em nível regional.



Figura 33 – Colégio Universitário.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2010.

E abaixo a estrutura da Escola Estadual Padre Álvaro Côrrea Borges que funciona no bairro Nova Era (Fig. 34).



Figura 34 – Escola Padre Álvaro Côrrea Borges.  
Fonte: Foto de Nilo M. Pereira Neto, 2010.

Feitas estas considerações, conclui-se que a desigualdade existente na distribuição territorial do setor de serviços na cidade de Viçosa, é diretamente afetada em razão da diferença na distribuição de renda. Assim quanto mais elevada a renda do lugar, maior parece ser a disponibilidade de serviços ofertados. Esta condição na cidade de Viçosa favorece a perpetuação e o agravamento das diferenças econômicas e sociais existentes entre a “cidade ideal” (UFV) para a “cidade real” (Viçosa). A distribuição dos serviços obedece a lógica dos fatores locacionais, mas prioriza sobretudo, os indicadores relacionados a renda, uma vez que mesmo para alguns pontos próximos ao centro da cidade, como o caso do bairro Nova Era, a distribuição territorial dos serviços apresentou aspectos condizentes com a situação de segregação sócio-espacial.

A oferta de serviços públicos (não comercializáveis) apresentou distribuição independente do fator renda, quando analisado sob a perspectiva quantitativa. Porém quanto aos aspectos qualitativos dos serviços analisados, estes foram significativamente inferiores aos apresentados nas áreas de maior renda. Sendo assim, é possível admitir que a facilidade de acesso aos serviços em Viçosa é proporcional a estar localizado próximo a universidade, bem como nas áreas de maior renda da cidade. Assim também, pode-se concluir que a urbanização crescente e desordenada influenciou em questões referentes a ocupação irregular na cidade, no aumento do processo de verticalização, no desemprego e também nos problemas de planejamento e de infra-estrutura urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o período pós-guerra o mundo vem passando por diversas transformações na economia, na cultura, no trabalho, na política e principalmente na sociedade. Estas mudanças são cada vez mais drásticas quanto são velozes, o que de fato parece comprovar a compressão do tempo-espaço mencionada brilhantemente por David Harvey (1998). Na raiz de muitas dessas mudanças está o processo de urbanização, que assim como intensificou problemas historicamente construídos, por outro lado solucionou tantos outros. Encheu de esperança a milhares, mas retirou-a de milhões. Seja de uma forma ou outra, a urbanização se espalhou pelo mundo aparentemente de forma espontânea, contudo, sob uma análise crítica é possível notar que se trata de um processo planejadamente induzido.

Assim, através da urbanização a cidade chegou ao campo, mas o campo também chegou à cidade, tornando as relações entre estes dois meios consideravelmente complexas, constituindo desta maneira, mais um grande desafio para a geografia contemporânea. No Brasil, o processo de urbanização consolidou-se de forma bastante acelerada, caracterizando-se sobremaneira pela notável diáspora do campo em direção aos grandes centros urbanos, fomentada principalmente pelas oportunidades de emprego gerados com a industrialização.

Contudo, as grandes metrópoles nacionais num período curto de tempo, tornaram-se visivelmente problemáticas, e repulsoras de população excedente, levando a um novo movimento populacional de interiorização da urbanização pelo território brasileiro. É exatamente neste contexto que Viçosa experimenta o seu processo de urbanização, que também ocorre de maneira rápida e desordenada, provocando inevitavelmente o aparecimento de problemas de diversos tipos e escalas. Porém, faz-se necessário lembrar que a urbanização também gerou o crescimento econômico, reformulou a infra-estrutura, aperfeiçoou as vias e condições de transporte, favoreceu o escoamento da produção, e principalmente instalou equipamentos urbanos promovendo a chegada de diversos tipos de serviços públicos e privados na cidade.

Acontece que existem diferenças consideráveis nos níveis de especialização quando comparado o setor terciário dos países que apresentam economia modernizada e desenvolvida, daqueles que ainda encontram-se em vias de desenvolvimento. Mas dualidade é algo que está na própria natureza das atividades de serviço, que mesmo nos dias atuais, segue com teorização confusa e conceituações bastante nebulosas e frágeis. No entanto, admite-se que serviço é antes de tudo, trabalho em processo. Assim, este setor que nasce como coadjuvante da indústria e da agropecuária, vem ganhando vultosa expressividade desde meados do século XX, e ainda mais notadamente na economia globalizada.

Esta evolução do setor terciário vem causando profundas mudanças na dinâmica de reprodução do capital, no mercado de trabalho, na renda, e em última análise nas questões sócio-espaciais. Transformações deste nível geram conflitos na sociedade e assumem dimensão espacial quando impressas no território, como é o caso da distribuição territorial de forma desigual dos serviços em Viçosa. Sendo, portanto, o terciário um dos mais relevantes segmentos da economia, quer seja em escala global, nacional ou local, a análise de sua territorialização torna-se fundamental para uma melhor compreensão do espaço geográfico.

Desta forma, nota-se que são cada vez mais evidentes os resultados expressos em valores reais pela economia de serviços em diversos países do mundo, não sendo diferente no caso do Brasil, e também nesta cidade. Tal efeito parece estar relacionado, sobretudo, ao fato do município contar com uma economia consideravelmente baseada no atendimento das demandas da universidade federal alocada em sua área. Esta condição de “dependência” tem provocado a estagnação dos outros setores que encontram grandes dificuldades para se desenvolver. Nesta situação, a distribuição de renda acaba se tornando cada vez mais concentrada retroalimentando um ciclo de problemas que afetam geralmente a parte maior e menos abastada da população.

Um destes problemas certamente é a segregação sócio-espacial observada na cidade de Viçosa, abordada neste trabalho sob a perspectiva do não acesso de parcela da população a alguns tipos de serviços. Essa lamentável situação tem sido amplamente potencializada pela atuação dos agentes especuladores que através de sua ação promovem a estratificação das áreas residenciais, transformando-as de acordo com seus interesses particulares. A isto deveria se opor o Estado (mas o Estado não somos nós mesmos?), através da intervenção da administração municipal, sobretudo com a criação de normas regulatórias mais rígidas. Desta forma as mudanças necessárias são quase sempre insuficientes ou mesmo nulas, prevalecendo no espaço urbano da cidade as marcas da desigualdade.

Neste sentido, buscou-se com a realização deste trabalho uma abordagem crítica-analítica dos problemas relacionados à distribuição desigual e perversa, bem como da limitação de acesso aos serviços, imposta às populações de certos bairros de renda mais modesta. Sendo este, portanto, um estudo alicerçado no campo da Geografia Urbana que visou contribuir teoricamente para esta parte específica da ciência geográfica, assim como para a sociedade brasileira, e viçosense em particular. Assim também, foi de interesse deste estudo colaborar para um melhor ordenamento do espaço, no sentido em que se procurou abordar processos relevantes em curso na realidade desta cidade, apontando problemas do meio urbano que são postos como desafios a todo geógrafo e cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Alexandre. Fatos e vultos de Viçosa. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria AS, 1959, 128 p.
- \_\_\_\_\_. Nos alvares da história de Viçosa. Belo Horizonte: s/e. 1989. 56 p.
- ALMEIDA, Cecília Calhau. Vou à Rua: Centro urbano e Centralidades do Município de Viçosa - MG. 2006. 57 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.
- ANDRADE, Monica Viegas. O Setor Serviços no Brasil: A dualidade revisitada (1981/1990). 1994. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- ANTUNES, Erika Pereira. Segregação socioespacial urbana: o caso dos bairros Arduíno Bolívar – Amoras – e São José – Laranjal, Viçosa – MG. 2006. 70 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (ALEMG). Disponível em: <http://www.almg.gov.br/>. Acessado em: 12 jun. 2010.
- AZZONI, Carlos Roberto. Setor terciário e concentração regional no Brasil. In: DINIZ, Clélio Campolina; LEMOS, Mauro Borges (orgs). *Economia e Território*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005, v.1, p. 551-571.
- BANCO MUNDIAL. *Beyond Economic Growth. Meeting the challenges in the global development. Second Edition*, 2000. Disponível em <http://www.worldbank.org/depweb>
- CAIXEIRO, Ítalo Itamar; RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. Avanços e limites na implantação de um sistema de planejamento em Viçosa – MG. In. ANAIS V CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES. 28 a 31 de agosto de 2001, UFOP: Ouro Preto, 2001.
- CASTELLS, Manuel. Sociedade em rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. 8ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1999, v.1. 698 p.
- CENSUS, Retrato Social de Viçosa III. Viçosa, Census, 2010, 110 p.
- CHOAY, Françoise. O Urbanismo: utopias e realidades – uma antologia. 5ª. ed. São Paulo, Perspectiva, 2003, p. 1-56.
- DAMIANI, Amélia Luisa. População e Geografia. São Paulo, Contexto, 1998, p. 47-76.



- ELIAS, Denise. O meio técnico-científico-informacional e a reorganização do espaço agrário nacional. In: MARAFON, Glaucio José, RIBEIRO, Miguel Ângelo; RUA, João (Orgs.). *Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 49-66.
- FAISSOL, Speridião. O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro, IBGE, 1994. 308 p.
- FIGUEIREDO, Adma Haman de. Contexto da dinâmica territorial brasileira. Abril – 2002. Rio de Janeiro, 2002, 16 p.
- GEIGER, Pedro. As formas do espaço brasileiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, 86 p.
- GALETE, A. Rinaldo. Mercado de trabalho formal dos serviços pessoais e domiciliares no Brasil. *Perspectivas Contemporâneas, Campo Mourão*, v.1, n. 1, 31 p, jan./jul. 2006.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna. 7ª. ed. São Paulo: Loyola, 1998, 349 p.
- HOBBSBAWN, Eric. J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, 598 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acessado em: 15 jun. 2010.
- \_\_\_\_\_ Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, 2002, 173 p.
- \_\_\_\_\_ Economia Informal Urbana 2003. Rio de Janeiro, 158 p.
- KON, Anita, A Produção Terciária. Nobel, São Paulo, 1992, 140 p.
- \_\_\_\_\_ Atividades Terciárias: induzidas ou indutoras do desenvolvimento econômico? In: Ferraz, J. C.; Crocco, M.; Elias, L. A., *Liberalização econômica e desenvolvimento*, São Paulo, Futura, 2003.
- \_\_\_\_\_ Sobre a economia política do desenvolvimento e a contribuição dos serviços. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v.27, n.1, p. 130-146, jan./mar. 2007.
- \_\_\_\_\_ O novo regionalismo e o papel dos serviços no desenvolvimento: transformações das hierarquias econômicas regionais. *Revista Oikos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 279-300, 2009.
- LIMA, Marcos Costa. Panorama das Disparidades Regionais na América Latina. *Revista Política Hoje*, Recife, v.1, n. 13, 26 p, 2003.
- LIPIETZ, Alain. O capital e seu espaço. (Tradução: Manuel Fernando Gonçalves Seabra). São Paulo, Nobel, 1988, 209 p.

- MEIRELLES, Dimária Silva e. O conceito de Serviço. Revista de Economia Política. São Paulo, v.26, n.1, p. 119-136, jan./mar. 2006.
- \_\_\_\_\_ Serviços e desenvolvimento econômico: características e condicionantes. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador: UNIFACS, v. 10, n. 17, p. 23-35, jan/2008.
- MELO, Hildete Pereira de; ROCHA, Frederico; FERRAZ, Galeno; SABBATO; Alberto Di; DWECK, Ruth. O Setor de Serviços no Brasil: Uma visão Global – 1985/95. (IPEA, Texto para discussão nº 549). Rio de Janeiro, 1998, 43 p.
- MELLO, Fernando Antonio Oliveira. Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais. 2002. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal), Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), Fundo de População das Nações Unidas. Situação da População Mundial 2007. Desencadeando o Potencial do Crescimento Urbano, 2007, 102 p.
- \_\_\_\_\_ Fundo de População das Nações Unidas. Situação da População Mundial 2008. Construindo Consenso: Cultura, Gênero e Direitos Humanos, 2008, 112 p.
- \_\_\_\_\_ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano 2009. Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos, 2009, 229 p.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Mudanças sócio-culturais; evolução histórica e tendências. Viçosa, Imprensa Universitária, 1990, 300 p.
- PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. Contradições de uma cidade científica: Processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa – MG. Caminhos da Geografia, Uberlândia, v. 18, n. 16, p. 197-206, out. 2005.
- PEREIRA, Saulo Henrique de Faria. Uso de Geoprocessamento na análise espacial da tuberculose na área urbana de Viçosa-MG. 2006. 71 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. Disponível em: <http://www.vicosa.mg.gov.br/>. Acessado em 15 de jun. 2010.
- RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. A Formação do Espaço Construído: Cidade e Legislação Urbanística em Viçosa, MG, 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo), Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

- RIDDLE, Dorothy I. *Service-Led Growth. The Role of the Service Sector in World Development*. Nova York, Praeger Publishers, 1986, 289 p.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª. ed. São Paulo, Edusp, 2002, 384 p.
- \_\_\_\_\_ *A urbanização brasileira*. São Paulo, HUCITEC, 1994, 157 p.
- \_\_\_\_\_ *Economia espacial. Críticas e alternativas*. 2ª. ed. São Paulo, Edusp, 2003, 204 p.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início século XXI*. 6ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004, 473 p.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo, Hucitec, 1994, 332 p.
- SASSEN, Saskia. *A cidade global*. In: LAVINAS, Lena; CARLEIAL, Liana Maria da Frota; NABUCO, Maria Regina (orgs.). *Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993, p.187-202.
- \_\_\_\_\_ *As cidades na economia mundial*. (Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo, Studio Nobel, 1998, 190 p.
- SPOSITO, Eliseu Savério. *A questão do método e a crítica do pensamento geográfico*. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A. G. (orgs.). *Redescobrimo o Brasil. 500 anos depois*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999, p. 347-359.
- ZACCHI, Raquel Calegario. *Processo de verticalização da área central da cidade de Viçosa (MG) (1970-2007)*. 2009. 116 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.